



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



IRENE SAMPAIO

CADERNOS PEDAGÓGICOS
SEQUÊNCIA DE LEITURA DO CONTO DE MISTÉRIO

Cornélio Procópio
2021

IRENE SAMPAIO

**CADERNOS PEDAGÓGICOS
SEQUÊNCIA DE LEITURA DO CONTO DE MISTÉRIO**

Cadernos pedagógicos apresentados ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros.

Cornélio Procópio
2021



Cadernos pedagógicos

Sequência de Leitura do Conto de Mistério



Caderno do professor

Com gabarito das atividades



Download from
[Dreamstime.com](https://www.dreamstime.com)

This watermarked comp. image is for previewing purposes only.



ID 95425219

Stockakia | Dreamstime.com

SUMÁRIO

1- CONVERSA INICIAL COM O PROFESSOR.....	6
2- O QUE É UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS (SDG)?.....	8
3- NOSSA ADPATAÇÃO DA SLG: A SEQUÊNCIA DE LEITURA DE GÊNEROS (SLG).....	10
4- DESCRITORES DA PROVA PARANÁ.....	14
5- O CONTO DE MISTÉRIO.....	15
6- SEQUÊNCIA DE LEITURA DE CONTOS DE MISTÉRIO.....	16
6.1- Apresentação da situação: Projeto “Que mistério é esse?”.....	19
6.2- Diagnóstico inicial de leitura - Conto “Recado de fantasma”.....	26
6.3- Oficina do conto “As formigas”.....	33
6.3.1- Primeira etapa da leitura do conto “As formigas”.....	34
6.3.2- Intervalo da oficina “As formigas”.....	35
6.3.3- Segunda etapa da leitura do conto “As formigas”.....	40
6.4- Oficina do conto “O retrato oval”.....	48
6.5- Diagnóstico final de leitura - Conto “A morte vista de perto”.....	59
7- FECHAMENTO DO PROJETO “QUE MISTÉRIO É ESSE?”.....	66
REFERÊNCIAS.....	68
CADERNO DO ALUNO.....	70



1- CONVERSA INICIAL COM O PROFESSOR

Este material foi desenvolvido como parte da pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), intitulada “Sequência de Leitura de Gêneros: conto de mistério como objeto de desenvolvimento de capacidades leitoras”, disponível em <https://uenp.edu.br/profletras-dissertacoes>. É uma sequência de leitura que tem como eixo organizador o gênero textual “conto de mistério”. O objetivo dessa sequência é desenvolver nos alunos capacidades leitoras, por meio de uma *sequência de leitura de gêneros* (SLG) sistematizada a partir de contos de mistério, trazendo à tona algumas habilidades contempladas por descritores da Prova Paraná, porém, sem se configurar como um “treinamento” para a avaliação externa.

O material foi produzido a partir da base teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), da qual advém a *metodologia das sequências didáticas de gêneros* (SDG) (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004; BARROS, 2020), cujo objetivo é propor uma sistematização teórico-metodológica para o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos para a produção de textos, por meio de um conjunto de atividades organizadas em torno de um gênero textual. Entretanto, como nosso objetivo não é o desenvolvimento de capacidades para a produção textual, mas para a leitura, propomos uma adaptação da SDG para uma *sequência de leitura de gêneros* (SLG) conduzida pelo gênero textual “conto de mistério”, com a intenção de desenvolver nos alunos capacidades para a leitura desse gênero, as quais, evidentemente, podem, também, ser mobilizadas para gêneros que utilizem estratégias semelhantes.

Dessa forma, nossa preocupação percorre tanto a compreensão e interpretação do texto singular selecionado para a leitura, como a tomada de consciência das estratégias de linguagem utilizadas para a produção de contos de mistério. Os descritores contemplados pela Prova Paraná não foram norteadores do processo de planificação didática da SLG elaborada. A vinculação das atividades e questões a um determinado descritor ocorreu em um processo de análise posterior à planificação didática do projeto, a qual foi fundamentada por teorias e conceitos

relacionados tanto a estudos sociocognitivos sobre leitura como aos preceitos sociointeracionistas que regem a metodologia das SDG, advindas do ISD. Dessa forma, procuramos mostrar como é possível construir um projeto de leitura em que o texto e o gênero são os protagonistas. Projeto esse que leve o aluno à compreensão e interpretação do texto como entidade sociocomunicativa e do gênero como representante discursivo de uma prática de linguagem, no nosso caso, de caráter literário, e, mesmo assim, explorar várias habilidades contempladas pela Prova Paraná, sem, contudo, transformar o ensino em um mero treinamento para tais habilidades, como ocorre quando se replicam modelos da Prova para aplicação em sala de aula.

A Prova Paraná configura-se como uma avaliação externa, que foi implantada em 2019. É uma ação da Secretaria do Estado da Educação (SEED) em parceria com os municípios do Paraná, sendo organizada nos moldes da Prova Brasil/Sistema nacional de Avaliação da Educação Básica, de forma que sua fundamentação se baseia também nos documentos da Prova Brasil/SAEB (PARANÁ-SEED).

O diferencial da Prova Paraná é que ela tem um caráter de diagnóstico. No caso da Prova de Língua Portuguesa, o objetivo é identificar as dificuldades dos estudantes relacionadas à compreensão de textos, apontando, também, as habilidades já apropriadas no processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação apresenta questões de múltipla escolha orientadas pela leitura de um texto, ou fragmentos de textos, com foco em um dos descritores. Esses descritores representam a matriz de referência que aponta as habilidades que serão avaliadas. Segundo o portal do Ministério da Educação e Cultura (MEC), os descritores cumprem a função de associar o conteúdo curricular a operações cognitivas, indicando os conhecimentos que serão avaliados pela Prova Paraná.

Apresentamos mais adiante os descritores e as habilidades de leitura a que se refere essa avaliação externa.

A SLG está estruturada por cinco etapas: 1) Apresentação da situação; 2) Diagnóstico inicial de leitura; 3) Oficinas 1 e 2; 4) Diagnóstico final de leitura e 5) Fechamento do projeto. Inclui também um intervalo de leitura, na oficina 1, momentos de revisão, verificação, reflexão, de produção escrita e oralidade, além de trabalho em equipes. As atividades de leitura propostas nas oficinas e nos intervalos

estão articuladas entre si e organizadas de acordo com os objetivos a que se propõe a SLG.

Esclarecemos que as atividades específicas para cada etapa são pré-construídas com base na compreensão do gênero e do texto, com a finalidade de desenvolver e aprimorar capacidades leitoras. No entanto, é possível que a partir da verificação do diagnóstico inicial, você, professor, necessite fazer adaptações e alterações, ao analisar esses resultados e perceber as reais necessidades de aprendizagem dos alunos, quais os pontos fracos e estratégias de leitura precisam trabalhar para se chegar ao objetivo de formar um leitor competente.

No decorrer da SLG, os alunos deverão realizar e participar de atividades variadas: orais, escritas, de ilustração, individual e em duplas.

Se for possível, sugerimos o uso de *portfólios* para guardar as produções dos alunos individualmente, desde o início até o término do projeto. Um *portfólio* escolar serve como instrumento de identificação da qualidade do ensino por meio da avaliação do desempenho do aluno e do professor. Ele compreende um compilado dos trabalhos realizados pelos alunos durante um curso ou ano letivo (ver <https://viacarreira.com/portfolio-escolar-do-aluno/>).

O uso do *portfólio* nesse contexto servirá para que você tenha condições de verificar e analisar com mais cuidado cada etapa do processo que compõe a proposta da SLG, o desenvolvimento individual dos alunos, favorecendo a avaliação formativa.

Para entender melhor a nossa proposta, você precisa saber o que é uma Sequência Didática de Gêneros (SDG) e a nossa adaptação para uma Sequência de Leitura de Gêneros (SLG).

2- O QUE É UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE GÊNEROS (SDG)?

A Sequência Didática de Gêneros (SDG) é definida por seus criadores como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). É constituída por um conjunto de atividades selecionadas e sistematizadas para desenvolver capacidades de linguagem nos alunos para a produção de um gênero textual, embora, necessariamente, contemple atividades de leitura/escuta e análise

linguística. Ou seja, o objeto é a produção de textos de um gênero específico, mas para desenvolver capacidades para tal o aluno precisa ler/escutar e analisar textos do gênero.

Na concepção de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a SDG é um procedimento didático que tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, de forma que ele possa agir discursivamente de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Entretanto, para Barros (2020), a SDG tem um sentido mais global, sendo vista também como uma metodologia de ensino. Nesse sentido, a SDG abrangeria “um conjunto de procedimentos envolvendo uma engenharia didática que busca mediar o processo de ensino e aprendizagem da língua sob a perspectiva da apropriação de gêneros textuais” (BARROS, 2020, p. 132) tendo como base teórica uma concepção sociointeracionista da língua e do ensino. A concepção da SDG como metodologia não descaracteriza suas bases de construção já consolidadas, mas, ao contrário, reforça e amplia seu nível de abrangência.

Dessa forma, também adotamos, em nosso trabalho, a denominação *metodologia das sequências didáticas de gêneros* (SDG), que, no caso, refere-se a todo o conjunto de procedimentos teórico-metodológicos envolvidos em sua construção, como a elaboração de um modelo teórico/didático do gênero.

De acordo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98), a SDG, vista como um procedimento, possui uma estrutura composta de etapas que comportam atividades com propósitos específicos: 1) apresentação da situação; 2) primeira produção; 3) módulos/oficinas; 4) produção final. No início do projeto de ensino é preciso ser definido o que deve ser trabalhado para que os alunos desenvolvam suas capacidades de linguagem referentes ao gênero trabalhado e estejam preparados para agirem como agentes-produtores conscientes na etapa da produção final. A SDG foi criada com respaldo da ZPD (Zona Proximal de Desenvolvimento), uma teoria interacionista de Vigotski, na qual o teórico define dois níveis: O nível de desenvolvimento cognitivo atual da criança e o nível de desenvolvimento potencial (BARROS, 2020). De forma que a ZPD corresponde ao percurso que a criança, no nosso caso, os alunos fazem entre o nível de desenvolvimento real no processo do aprendizado para atingir um novo nível de desenvolvimento real, no qual eles já tenham domínio sobre um conteúdo trabalhado, tenha construído seu conhecimento, no caso da SDG sobre um determinado gênero textual. Por isso a primeira

produção, que configura um diagnóstico inicial tem um papel essencial nessa engrenagem.

Convém assinalar que a metodologia das SDG pressupõe um trabalho sistematizado, a fim de que o aluno se aproprie de uma prática linguageira e, nesse sentido, Barros e Cordeiro (2017) apontam que o trabalho com módulos (ou oficinas) deve “propor atividades orientadas para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, que levem o aluno a aprimorar o seu agir por meio da linguagem” (BARROS; CORDEIRO, 2017, p. 223). Para que se cumpra tal finalidade, é preciso, pois, que as atividades propostas entre as oficinas estejam articuladas entre si, de acordo com os objetivos de ensino a que se propõe a SDG, de forma que o aluno perceba que há essa unidade entre as atividades e os objetos de ensino (BARROS; CORDEIRO, 2017).

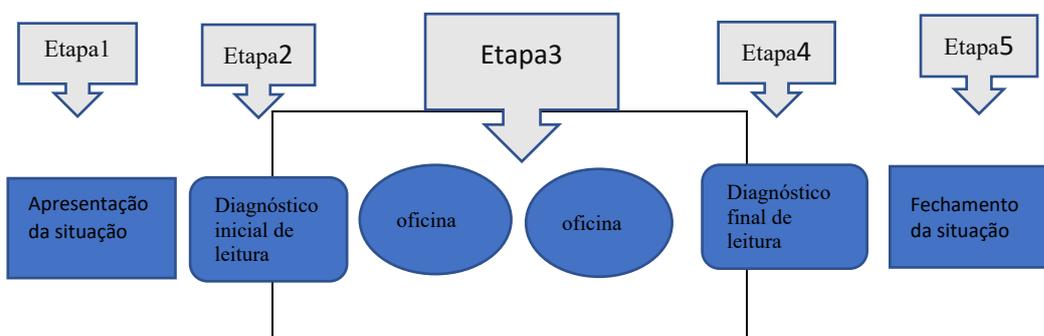
Nossa proposta está baseada nessa metodologia, no entanto, com foco no desenvolvimento de capacidades de leitura de gêneros, de forma que foi necessária uma adaptação, que apresentamos a seguir.

3- NOSSA ADAPTAÇÃO DA SDG: A SEQUÊNCIA DE LEITURA DE CONTOS DE MISTÉRIO

Apresentamos uma adaptação do procedimento SDG, de nossa autoria, mudando o foco da produção textual para o ensino da leitura. A abordagem sobre leitura está centrada na concepção sociointeracionista, considerando que nosso aporte teórico é o ISD. Nessa perspectiva, os textos são vistos como produtos da atividade de linguagem em funcionamento na sociedade, que estão organizados em gêneros textuais, devido às suas características relativamente estáveis; (BRONCKART, 2003) que se definem a partir dos conteúdos, da estrutura comunicativa e das configurações particulares dos textos pertencentes a determinado gênero. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

O objetivo é desenvolver nos alunos capacidades leitoras, por meio de uma SLG de contos de mistério, trazendo à tona algumas habilidades contempladas por descritores da Prova Paraná, porém, sem se configurar como um “treinamento” para a avaliação externa. A intenção é manter os princípios teórico-metodológicos de cunho sociointeracionista que orientam a metodologia das SDG.

Nesse contexto, o esquema de base do procedimento SLG é um pouco diferente do esquema tradicional proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), uma vez o objetivo é que o aluno se torne um leitor proficiente e autônomo do gênero em foco (no nosso caso, do conto de mistério) e não um produtor de textos desse gênero, embora, com certeza, o projeto poderá lhe auxiliar também quanto à produção, mesmo não sendo seu foco. Para isso, a SLG, além de desenvolver capacidades leitoras para o gênero, precisa, também, desenvolver capacidades gerais de compreensão e interpretação leitora – a esse último aspecto é que articulamos as habilidades contempladas pela Prova Paraná. Dessa forma, segue um esquema que mostra a estrutura que propomos para a **seqüência leitura de gêneros**.



Na apresentação da situação, temos dois objetivos. Primeiramente, a intenção dessa fase da SLG é promover a motivação relacionada à leitura do gênero. No nosso caso, essa motivação será voltada para o fantástico, a fim de envolver os alunos no clima do mistério, do suspense (por meio de atividades diversificadas, como quiz, apresentação de vídeos, uma dinâmica, etc.). Em segundo lugar, o objetivo dessa fase é apresentar o projeto de ensino aos alunos, de forma clara, expondo o objeto de estudo, bem como os objetivos que se tem com a SLG e as atividades (pré) programadas.

Na versão adaptada para a leitura, a fase que corresponde à produção inicial (primeira produção) é substituída por um diagnóstico inicial de leitura baseado em uma atividade escrita, na qual o aluno entrará em contato direto com o gênero, pela leitura silenciosa e individual de um exemplar do gênero. Nesse momento, a intenção é diagnosticar tanto os conhecimentos dos alunos em relação ao gênero, como em relação à construção de sentidos do texto. A intenção vai além de

identificar dificuldades ou facilidades relacionadas às habilidades de leitura que configuram o padrão da Prova Paraná, pois o que nos interessa é desenvolver nos alunos capacidades que lhes deem autonomia como leitores conscientes no processo sociocognitivo envolvido na recepção de textos. Dessa forma, esclarecemos que na elaboração das atividades de leitura das oficinas não selecionamos os descritores *a priori*, visto que nossa proposta é baseada no trabalho com gêneros textuais com a intenção de desenvolver capacidades leitoras nos alunos. Consideramos que “o próprio texto” é que deve guiar as perguntas de compreensão, de acordo com as características do gênero pertencente. Acreditamos que um projeto pensado dessa maneira pode englobar, conseqüentemente, habilidades de leitura representadas pelos descritores.

Nos descritores da Prova Paraná, vários são os conhecimentos e habilidades contemplados. Entretanto, a SLG que elaboramos não pretende abordar todos os descritores da Prova, uma vez que não são eles que direcionam a planificação didática, pois são consequência dessa planificação.

Nossa proposta visa desenvolver capacidades de leitura nos alunos, de forma global, portanto, a partir desse diagnóstico inicial dos conhecimentos que eles já construíram, assim como as dificuldades de compreensão e interpretação, que você, professor, poderá rever e reelaborar as atividades previamente construídas, caso necessário. Quanto à seleção de quais descritores serão abordados nas atividades de leitura nas oficinas, isso será mostrado pelo próprio texto. Contudo, a leitura diagnóstica inicial possibilitará identificar as dificuldades dos alunos na compreensão do texto e do gênero.

As oficinas/módulos referem-se, na SDG, ao momento de trabalhar os problemas identificados pelo professor nas primeiras produções de texto dos alunos (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Na nossa adaptação todas as etapas (diagnósticas e das oficinas) são organizadas a partir de atividades de leitura de textos do gênero “conto de mistério”, (pré)planejadas, ‘devendo porém serem revistas e reelaboradas’ pelo professor com base nas dificuldades de compreensão dos alunos, no que se refere as capacidades de leitura, identificadas durante o diagnóstico inicial.

Cada etapa explora um conto diferente, pois o foco está na leitura global do texto, buscando a construção de sentidos e não no “treinamento” de habilidades específicas.

Como já esclarecemos, a perspectiva que fundamenta a SLG tem princípios sociointeracionistas, os mesmos defendidos pelo ISD (ver BARROS, 2020). A intenção é **levar o aluno a** refletir, a pensar e construir significados para a leitura, por meio das questões e atividades variadas (assim como o ISD propõe para a SDG) e de acordo com os objetivos previamente determinados para cada leitura. De forma que sugerimos, após cada etapa de leitura e realização das questões sobre o texto, atividade de oralidade, por meio de rodas de conversa, a fim de que sejam compartilhadas as respostas dos alunos, dúvidas e observações sobre o texto, bem como para a exploração de outros recursos do texto que não estejam inseridos nas questões escritas, mas que se fizerem necessários. Por meio de intervalos de leitura, propomos atividades de produção escrita individual, trabalho em grupos que explorem, através de desenhos, o espaço e as personagens comuns no conto de mistério, montagem de painéis para expor os trabalhos dos alunos.

A última etapa da SLG refere-se ao diagnóstico final de leitura. Ou seja, após trabalhar as dificuldades dos alunos por meio das atividades das oficinas, é encaminhado ao final da sequência outro exemplar do gênero em estudo. O aluno realiza a leitura silenciosa e responde a questões escritas individualmente. Essa fase corresponde à produção final na SDG tradicional. Um ponto importante a ser observado é que acrescentamos uma etapa na nossa adaptação, que corresponde ao fechamento do projeto de leitura. De forma que após o diagnóstico final, a roda de conversa, com a socialização da leitura e o *feedback* para os alunos, incluímos uma proposta que extrapola o projeto de ensino. Outro ponto importante a ser esclarecido é com relação ao processo de avaliação dessa etapa. Optamos por uma avaliação formativa. Ou seja, avaliamos o processo, o que o aluno avançou no percurso, por meio da comparação entre o diagnóstico inicial e o diagnóstico final, que devem servir de parâmetro.

Consideramos que no decorrer das atividades propostas nas oficinas e nos intervalos de leitura, bem como nos diagnósticos inicial e final, ou seja, durante todo o processo, mesmo sem mencionar para os alunos os descritores, as habilidades de leitura contempladas pela Prova Paraná, estamos explorando recursos, mobilizando operações cognitivas que englobam e visam desenvolver e ampliar habilidades de leitura quanto ao gênero conto de mistério, de forma a formar leitores competentes.

Para verificação dos resultados do diagnóstico de leitura, a pesquisa pauta-se em uma tabela/grade de avaliação (apresentada ao final da etapa do diagnóstico

inicial de leitura) por nós construída, voltada para obter dados que possam auxiliar na intervenção didática realizada por meio das duas oficinas de leitura da SLG. Essa grade está centrada na identificação das dificuldades dos alunos com relação à leitura do gênero trabalhado, assim como na construção de sentidos para o texto lido.

4- DESCRITORES DA PROVA PARANÁ

Como já mencionado os descritores indicam os conhecimentos que serão avaliados pela Prova Paraná e referem-se às seguintes operações:

- I. procedimentos de leitura;
- II. implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na
- III. compreensão do texto;
- IV. relação entre textos;
- V. coerência e coesão no processamento do texto;
- VI. relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido;
- VII. variação linguística.

Nesse contexto, para cada operação cognitiva são selecionados alguns descritores que orientam o trabalho de leitura e compreensão de textos. A seguir, trazemos um quadro com as operações e descritores da Prova Paraná 2ª Edição/2019.

Operações	Descritores
I. Procedimentos de leitura	D01 Localizar informações explícitas em um texto. D03 Inferir o sentido de uma palavra ou expressão. D04 Inferir uma informação implícita em um texto. D06 Identificar o tema de um texto. D11 Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
II. Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto	D05 Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.). D09 Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
III. Relação entre textos	D15 Reconhecer diferentes formas de

	tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
IV. Coerência e coesão no processamento do texto	D02 Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto. D7 Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. D8 Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto. D23 Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto. D12 Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.
V. Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido	D13 Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. D14 Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. D17 Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. D19 Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintático
VI. Variação linguística	D10 Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Fonte: a autora, com base em na 2ª edição da Prova Paraná (PARANÁ, 2019).

5- O CONTO DE MISTÉRIO

Julio Casares (*apud* GOTLIB, 1990, p. 8) emprega três significados para a palavra *conto*: 1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las.

Todas apresentam um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas (GOTLIB, 1990, p. 8). Gotlib (1990), em consonância com outros estudiosos do assunto, afirma que toda narrativa é constituída de um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos na unidade

de uma mesma ação. A autora aponta, entretanto, que há vários modos de se construir “esta unidade de uma mesma ação” e que esses modos variados de narrar por vezes se agrupam, de acordo com alguns pontos característicos, delimitando um gênero.

Dentre essas categorias, temos como foco dessa Sequência o conto de mistério. Com base nos teóricos e estudiosos, apresentamos uma síntese que evidencia a concepção assumida por nós a partir das especificidades apresentadas. O conto de mistério:

- ✓ retrata um conflito onde o fantástico e o mistério se configuram pela ambiguidade: “A vacilação do leitor é, pois, a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 1980, p. 19);
- ✓ apresenta-se de forma abrangente e criativa, de acordo com suas características temáticas, mesmo mantendo seus elementos composicionais e estruturais básicos (GOTLIB, 1990);
- ✓ possibilita trabalhar com imagens sugestivas (GOTLIB, 1990);
- ✓ traz o efeito do medo, ao quebrar o paradigma do real que é confiável e sugerir a possibilidade do sobrenatural que é desconhecido (SARAIVA, 2006);
- ✓ está inserido dentro do modo fantástico, pois esse é considerado um macrogênero ou arquigênero que abarca entre outras narrativas, o conto de mistério e o sobrenatural (FURTADO, 2012, *apud* NIELS, 2014).

6- SEQUÊNCIA DE LEITURA DE CONTOS DE MISTÉRIO

Professor, nesta seção apresentamos a sequência de leitura do conto de mistério criada por nós para implementação em um 6º ano da Educação Básica, mas que pode ser adaptada a outros contextos, desde que se mantenham os princípios teórico-metodológicos expostos nas seções anteriores.

Para que você tenha uma visão global da sequência, trazemos, a seguir, uma sinopse com os objetivos e atividades de cada etapa.

Etapas	Objetivos	Atividades / tarefas
Apresentação da situação	- Motivar os alunos com relação ao universo do gênero conto de mistério.	- Vídeo da animação curta-metragem: “Alma”. - Vídeo do desenho do Scooby-Doo.
Projeto de ensino: Que	- Apresentar o projeto de	- Apresentação e análise de trechos curtos de contos de mistério.

<p>mistério é esse?</p>	<p>ensino aos alunos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quiz para sondagem sobre o que os alunos conhecem sobre o gênero. - Dinâmica da caixa de mistério. - Apresentação detalhada do projeto de ensino “Que mistério é esse”? - Vídeo de entrevista com Lygia Fagundes Telles. - Apresentação por meio de <i>slides</i> de biografia de escritores consagrados do gênero.
<p>Diagnóstico inicial de leitura</p> <p>“Recado de fantasma”</p>	<p>Diagnosticar as capacidades leitoras dos alunos.</p> <p>Colocar os alunos em contato com o gênero, por meio da leitura do conto “Recado de fantasma”, com questões que diagnostiquem suas capacidades leitoras no que se refere à compreensão do texto e do gênero “conto de mistério”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura silenciosa e individual do conto de mistério “Recado de fantasma”. - Questionário escrito de leitura. - Retomada da leitura com base nas respostas dos alunos, com questionamentos e reflexões feitos oralmente, em uma roda de conversa.
<p>Oficina</p> <p>“As formigas”</p>	<p>- Explorar e desenvolver nos alunos capacidades leitoras sobre o texto apresentado bem como sua constituição enquanto gênero conto de mistério.</p>	<p>Primeira parte da leitura do conto</p> <ul style="list-style-type: none"> - Motivação para a leitura do conto. - Leitura silenciosa do conto “As formigas”. - Questões dissertativas e objetivas de compreensão do texto e de caracterização do gênero conto de mistério. - Roda de conversa. Atividade de oralidade, na qual serão compartilhadas as respostas dos alunos, dúvidas, curiosidades e observações sobre a leitura feita do texto, também para verificação das respostas corretas e ampliação e exploração de outros recursos do texto que não estejam inseridos nas questões escritas, mas que o professor julgar pertinentes para esse momento. <p>Intervalo de leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proposta de uma produção escrita individual, dando continuidade na primeira parte da narrativa lida. - Proposta de trabalho em grupos. - Representação por meio de desenhos e ilustrações a caracterização do espaço e das personagens do conto. - Montagem de um painel com os trabalhos e expor na parede da sala de aula. <p>Segunda parte da leitura do conto</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura silenciosa da segunda parte do conto. - Questões escritas de compreensão e interpretação do texto e do gênero. - Roda de conversa: Comparação das produções textuais dos alunos com o texto original, retomada das respostas e verificação, momento de partilha e

		<p>discussão entre a turma e o professor.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abordagem e atividades sobre recursos linguísticos, como a linguagem metafórica e o léxico.
<p>Oficina</p> <p>“O retrato oval”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver nos alunos capacidades de compreensão leitora, sobre o texto apresentado e o gênero conto de mistério. 	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação para a leitura do conto. Leitura silenciosa do conto “O retrato oval” (adaptado por Clarice Lispector). - Questões escritas dissertativas e objetivas de compreensão e interpretação a partir dos níveis de leitura dos alunos e estratégias adequadas ao texto. - Vídeo curta-metragem: animação adaptação do conto “O retrato oval” - Momento para comentar sobre o vídeo e de compartilhar e verificar as respostas das questões escritas. - Roda de conversa para retomar os elementos, os recursos e especificidades do gênero conto de mistério. - Atividade escrita objetiva sobre a produção de contos de mistério.
<p>Diagnóstico final de leitura:</p> <p>“A morte vista de perto”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Verificar a capacidades leitoras dos alunos com relação ao gênero conto de mistério. - Verificar as capacidades desenvolvidas nos alunos sobre o processo de leitura dos textos apresentados e propostos nas oficinas e nos diagnósticos. - Retomar e revisar pontos importantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura silenciosa e individual do conto “A morte vista de perto”. - Questionário escrito de leitura. - Retomada das respostas do diagnóstico feita pelo professor. - <i>Feedback</i> para os alunos.
<p>Fechamento do projeto</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Produzir textos de mistério em duplas. - Apresentar oralmente as histórias produzidas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Proposta de uma produção de narrativas de mistério em duplas a partir de figuras que representam e sugerem personagens, cenários e temas relacionados ao mistério. - Montagem de uma pequena coletânea com os textos dos alunos. - Decoração da sala com temas dos contos de mistério para a apresentação oral das histórias produzidas.

6.1- Apresentação da situação: Projeto “Que mistério é esse?”



Objetivos: Motivar os alunos para a leitura de textos do gênero ‘conto de mistério’. Apresentar o projeto de leitura “Que mistério é esse?” aos alunos.



Professor, nesta etapa inicial é essencial inserir os alunos no universo do mistério, a fim de motivá-los para a leitura de contos desse gênero. Sugerimos, como atividade motivadora inicial, a exibição de dois vídeos: “Curta metragem alma” (2009), (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mJzUfmVWcLM>) e um vídeo do personagem de animação infantil Scooby-doo (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vWPMoRfCoJk>).

A intenção é que os alunos percebam que ambos abordam temáticas relacionadas ao mistério/fantástico/suspense, entretanto, nos desenhos do Scooby-doo o suposto fenômeno sobrenatural é esclarecido por uma explicação científica/lógica, desfazendo assim o mistério. Já na animação de curta-metragem “Alma” o mistério permanece até o final, deixando o interlocutor na dúvida sobre o sinistro que envolve a narrativa. É necessário que se questione os alunos sobre as histórias dos dois vídeos, mas de forma a levá-los a perceber as diferenças entre ambas, sem dar respostas prontas.

Então leia os trechos dos contos de mistério a seguir, a fim de aguçar a imaginação dos alunos. Escolha dois estudantes e pergunte o que eles imaginam sobre essas nessas narrativas (“Premonição” e “O relógio das horas mortas”). O

importante é fazer com que eles percebam como se dá a trama nos contos de mistério, ou seja, como o autor constrói sua narrativa de forma a construir um suspense para o mistério, a partir de um universo fantástico, sombrio... Aguce a imaginação dos alunos e compare as várias hipóteses apresentadas. Veja se elas são coerentes para um conto de mistério.

Trechos para a atividade

“Premonição” (Flavia Muniz)

Eu não era uma garota supersticiosa, mas confesso que sempre tive um medo secreto, uma ideia que me assombrava e afligia a alma desde a infância. Em vão tentava esquecê-la, sem acreditar em minha imaginação doentia, sem dar ouvidos a minha intuição [...].

“O relógio das horas mortas” (Flavia Muniz)

Na casa de minha tia havia um corredor que ligava a sala à parte interna. Nele ficava um relógio de madeira desses bem antigos, de dar corda, que soava a cada hora. Lembro-me de ficar acordada à noite, completamente apavorada, com medo de ouvir suas 12 badaladas.

Minha tia dizia que, ao soar a meia-noite abriam-se as portas do além e, se eu ainda tivesse acordada àquela hora, poderia ver coisas horríveis. [...].

Fonte: MUNIZ, Flavia. **Fantasmagorias**. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

Professor, em seguida, explique para eles como será a próxima etapa, o quiz. Forneça aos alunos o **Dispositivo Didático A**, um quiz para sondagem sobre o que eles conhecem sobre o gênero ‘conto de mistério’.

Não esqueça que deverá levar o material impresso para os alunos. Essa atividade tem como objetivo diagnosticar as capacidades e habilidades leitoras dos alunos sobre o texto e sobre o gênero ‘conto de mistério’.

Dispositivo Didático A QUIZ sobre contos de mistério

Aluno:

1. Você gosta de histórias de mistério?
 sim
 não
2. Você conhece algum conto de mistério?
 sim
 não

3. Assinale todas as palavras que você considera que podem estar relacionadas com um conto de mistério:

- | | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> fantasma | <input type="checkbox"/> morte | <input type="checkbox"/> dúvida, hesitação |
| <input type="checkbox"/> escuridão | <input type="checkbox"/> medo | <input type="checkbox"/> explicação científica |
| <input type="checkbox"/> suspense | <input type="checkbox"/> imaginação | <input type="checkbox"/> fenômeno natural |
| <input type="checkbox"/> silêncio | <input type="checkbox"/> sinistro | <input type="checkbox"/> fenômeno sobrenatural |

4. Com relação aos elementos da narrativa, assinale as opções que você acredita que fazem parte de um conto de mistério.

- lugares ou espaços sinistros.
- lugares ou espaços alegres.
- lugares bonitos e espaçosos.
- personagens comuns.
- personagens sinistros.
- personagens sobrenaturais.
- fatos corriqueiros, do dia a dia.
- acontecimentos estranhos e sem explicação.
- noites frias e/ou chuvosas.
- dia de sol.

5. Faça um desenho que represente um cenário ou personagem que você acha que representa um conto de mistério.

Proponha, em seguida, a realização da atividade **“A dinâmica da caixa de mistérios”**. Para essa atividade, você precisará:

-  Fazer um grande painel e colocar na parede da sala, com os dizeres: **Contos de Mistério**;
-  Levar uma caixa encapada de preto com figuras que sugerem mistério, ou que estejam relacionadas a uma narrativa de mistério;
-  Incluir também na caixa cartões com as perguntas (sugestões no quadro a seguir).

Questões para serem colocadas nos cartões

- 👤 Organize as cadeiras dos alunos em forma circular e peça que eles permaneçam sentados;
- 👤 Coloque no centro uma carteira com a caixa de mistério em cima;
- 👤 Oriente os alunos que um de cada vez se levante e retire de dentro da caixa a primeira figura ou cartão que pegar. Quando o aluno tirar um cartão com a pergunta, deverá ler em voz alta e dar uma resposta;
- 👤 Quando o aluno tirar uma figura, deverá dizer se ela está relacionada aos contos de mistério e explicar o porquê;
- 👤 Como mediador da atividade, intervenha, instigue os alunos a refletir sobre o gênero ‘conto de mistério’, por meio das figuras, das perguntas e das respostas e comentários dos alunos;
- 👤 Entretanto, esse momento deve ser descontraído, deixe-os à vontade para falarem o que pensam sobre esse assunto.

Finalize a dinâmica da caixa esclarecendo aos alunos que o projeto que estão iniciando, denominado **“Que mistério é esse?”**, tem objetivos específicos de aprendizagem. Fale sobre os objetivos desse projeto, das atividades de leitura que serão propostas, o tempo aproximado das oficinas e sobre o diagnóstico inicial e final. Você pode pedir aos alunos que copiem as perguntas a seguir no caderno ou pode fazê-las oralmente. Seguem as sugestões de respostas para ajudá-la nesse processo.

Perguntas para contextualizar o projeto

O que vamos aprender nesse projeto?

Nesse projeto vamos aprender a ler, reconhecer, compreender e interpretar contos de mistério.

De que forma vamos aprender?

Vamos aprender por meio das oficinas, desenvolvendo atividades de leitura de contos de mistério.

Quanto tempo vai durar essas atividades?

Levaremos seis semanas, utilizando três aulas semanais para desenvolver as oficinas e concluir nosso projeto.

Por que devemos aprender esse conteúdo?

Devemos aprender a ler e interpretar contos de mistério para aprimorar e ampliar nossa capacidade leitora em geral e, de forma específica, para os contos de mistério.

Como as atividades serão avaliadas?

As atividades serão avaliadas no decorrer do processo, durante o desenvolvimento das leituras.

Professor, é indispensável esclarecer para os alunos sobre todo o percurso do projeto, desde as etapas diagnósticas. Explicar que toda a turma vai realizar a leitura silenciosa e individual de um exemplar de um conto de mistério como um diagnóstico inicial e novamente em outra etapa como diagnóstico final, bem como sobre os objetivos traçados para cada etapa do projeto e a forma como serão avaliados no decorrer do processo. Falar também sobre o fechamento do projeto, as possibilidades que os alunos terão de expressar seus conhecimentos, sua criatividade, de que forma, para quem serão apresentadas as produções da turma, a fim de todos os aspectos sejam expostos de forma clara para os alunos nessa fase de apresentação da situação.

Em seguida comente sobre alguns autores consagrados desse gênero, a fim de sondar se os alunos reconhecem algum deles. Apresente um pouco sobre a vida e obra dos autores: Lygia Fagundes Telles e Edgar Allan Poe. Você pode assistir com a turma o vídeo da entrevista com Lygia Fagundes Telles (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vqMn9NjYYT8>).

Biografias

Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles (São Paulo SP 1923). Romancista e contista. Passa a maior parte da infância no interior do estado de São Paulo, em cidades como Sertãozinho, Itatinga, Assis e Apiaí, em função do trabalho do pai. Aos 8 anos, transfere-se com a mãe para a capital, vivendo, em seguida, por cinco anos no Rio de Janeiro. De volta a São Paulo, matricula-se na Escola Caetano de Campos, concluindo os estudos em 1937. No ano seguinte, financiada pelo pai, publica a coletânea de contos *Porões e Sobrados*. Cursa, em 1939, o pré-jurídico e a Escola Superior de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP). Ingressa na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e emprega-se na Secretaria de Agricultura. Seu segundo livro, *Praia Viva*, sai em 1944, um ano antes de seu bacharelado. Casa-se com Gofredo Telles Jr., seu professor de direito internacional privado, de quem herda o sobrenome, em 1947. Lygia exerce a profissão durante algum tempo, mas a abandona pelas letras, tornando-se colaboradora de *A Manhã*, do Rio de Janeiro, para o qual escreve crônica semanal. Na década seguinte, publica, além de volumes de conto, seu primeiro romance, *Ciranda de Pedra*, editado em 1952. Divorciada desde 1960, casa-se, em 1963, com o ensaísta, escritor e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes (1916 - 1977), com quem escreve o roteiro para cinema *Capitu*, inspirado no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1839 - 1908). Integra, em 1976, o grupo de intelectuais que vai a Brasília entregar o Manifesto dos Mil, contra a censura. É eleita para a Academia Brasileira de Letras em 1985.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6011/lygia-fagundes-telles>
Acesso em: Jan. 2020.

Edgar Allan Poe

Nascido em Boston, EUA, em 1809, Edgar Allan Poe não tinha um sonho. Tinha uma certeza: nascera para escrever. Fazer literatura era o que o animava, o que o movia. Logo cedo ele descobriu que não poderia impedir seu destino, apenas enfrentar com coragem as

perdas, as críticas, os problemas financeiros, a saúde debilitada. A obsessão com a qual lutou, contudo, tornaria sutis os limites entre vida e obra, entre loucura e genialidade, fazendo dele um dos mais brilhantes autores que o mundo já conheceu. Poe foi poeta, contista, crítico literário e editor. Contra todas as probabilidades, Poe criou uma obra sublime que atravessou séculos e mudou os rumos da literatura universal, influenciando até grandes autores brasileiros e portugueses, como Machado de Assis e Fernando Pessoa.

Fonte: FABRA, Jordi Sierrai. **A vida brilhante e sombria de um gênio**. São Paulo: Ática, 2013.

Professor, você pode aproveitar esse momento para ensinar os alunos a pesquisar e identificar informações bibliográficas, mas para isso é preciso ter em mãos livros físicos para que os alunos possam manuseá-los.

Finalizada a apresentação da situação (apresentação do projeto de leitura dos contos de mistério), a próxima etapa será o diagnóstico inicial de leitura.

6.2- Diagnóstico inicial de leitura

Conto "Recado de fantasma"



Objetivo: Diagnosticar as capacidades e habilidades leitoras dos alunos. Colocar os alunos em contato com o gênero, por meio da leitura do conto "Recado de fantasma", com questões que diagnostiquem suas capacidades leitoras no que se refere à compreensão do texto e do gênero "conto de mistério".



Professor, esta etapa é muito importante. Forneça o **Dispositivo Didático B** aos alunos, que traz um questionário de leitura sobre o conto "Recado de fantasma". Os alunos devem fazer uma leitura silenciosa e individual do texto e, em seguida, responder, por escrito, às questões propostas. Recolha a atividade após o término, para a análise diagnóstica das respostas, pois elas servirão de termômetro para a condução das próximas atividades propostas para as oficinas.

"Recado de fantasma"



1 Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa. Era um antigo sobrado, com uma grande varanda envidraçada e um jardim. Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso, como aquele, que nem dei atenção aos comentários dos vizinhos, com quem fui fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá nas sextas-feiras.

2 – Deve ser coisa de fantasma! Falavam.

3 – Se existe, nunca vi! E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

4 Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais haviam saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis. Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco delas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que pude gritar e sair correndo escada abaixo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo que tudo não passava de imaginação, mas eu insisti e implorei que ela viesse até o quarto comigo. Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!

5 No dia seguinte, fui até a biblioteca pesquisar o tema. Eu e Beth encontramos dúzias de livros que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E uma das explicações para fatos assim, é que talvez o "fantasma" esteja nos dando um recado.

6 Hoje minha casa tem o jardim mais florido da rua. Centenas de lindas margaridas brancas florescem a maior parte do ano. O fantasma? Nunca mais vi. Decerto passeia feliz pelo jardim, nas noites de lua cheia.

Fonte: MUNIZ, Flávia. **Revista especial:** Contos para crianças e adolescentes. São Paulo, v. 1, p. 13. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7421/recado-de-fantasma>. Acesso em: 18 ago. 2020.

A seguir, trazemos um gabarito com sugestões de respostas. Entretanto é importante ressaltar que essas respostas não devem ser tomadas como a única opção de leitura. Dê oportunidade a seus alunos de, no momento de discussão do texto, exporem a sua compreensão. Analise para ver se a leitura do aluno tem coerência. Peça para que explique como chegou a essa resposta. Leitura é um processo interpretativo que, necessariamente, faz com que o leitor mobilize uma rede de conhecimentos: de mundo, linguístico, interacional (funcionamento dos textos). Muitas vezes, falta **conhecimento** de algum tipo para que o sujeito possa fazer uma leitura coerente do texto, por isso é importante instigar os alunos a explicarem seu processo interpretativo para ver se há lacunas nessa rede de saberes necessária para a compreensão do texto.

Conhecimentos acionados na leitura

Conhecimento linguístico

Abrange o conhecimento gramatical e lexical.

Conhecimento de mundo

Refere-se a conhecimentos gerais: saber enciclopédico.

Conhecimento interacional

Relacionado às formas de interação por meio da linguagem (propósitos comunicativos, gênero e tipos textuais, quantidade e qualidade da informação textual, variante linguística, etc.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

Gabarito do Dispositivo Didático B

1) O narrador do conto é um personagem ou um narrador observador? Reproduza um trecho do texto que comprove sua resposta.

O narrador é um personagem, protagonista, portanto, a história é narrada em 1º pessoa. “Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso, como aquele [...]”.

2) Quem é o personagem principal dessa história? Em sua opinião, é uma pessoa adulta, criança ou adolescente? Homem ou mulher? Justifique sua resposta.

É mesma pessoa que narra a história. Parece ser um menino, pois ficou em casa com a irmã e foi montar um quebra-cabeça sobre guerra espacial.

3) Releia o início do conto: “Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa”.

a) Esse “tudo”, um pronome indefinido, refere-se a que na história?

A história toda, tudo o que aconteceu e que será narrado.

b) Em “Nos mudamos”, a quem se refere o pronome “nos”?

Ao narrador e sua família.

4) Releia o primeiro parágrafo. Podemos observar o uso de três pronomes indefinidos: **tudo**, **alguns**, **alguém**. Sabendo que “Os pronomes indefinidos se referem a seres de maneira vaga, indefinida”, qual é a intenção do narrador do texto ao usar esses pronomes no início da narrativa? E qual é o efeito de sentido do uso desses pronomes na construção do texto? Para responder a essa pergunta, observe sua resposta à questão 3.

Porque é um conto de mistério. Esses pronomes, ao deixar algumas informações indefinidas, sugerem suspense, dão um tom de mistério à narrativa.

5) Considerando que os adjetivos servem para atribuir qualidades, caracterizar os seres, espaços, personagens em uma narrativa, localize no texto que características recebem as palavras a seguir e complete o quadro:

Casa <i>mal-assombrada</i>	fatos <i>extraordinários</i>
Casas <i>antigas</i>	ar <i>gelado</i>
Varanda <i>grande / envidraçada</i>	algo <i>impressionante</i>
<i>Antigo</i> sobrado	lua <i>cheia</i>

6) Qual seria a intenção do narrador ao usar esses adjetivos?

A intenção do autor é levar o leitor imaginar o cenário da história, criando um clima de mistério.

7) Observe o trecho “Eles diziam que a casa era mal-assombrada” do 1º parágrafo.

a) Na situação inicial da história, o narrador acreditava que a casa era mal-assombrada?

(x) não

b) Localize no texto uma frase que comprove sua resposta:

“Se existe nunca vi”.

8) Releia o trecho: “E então **contava a eles** que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura” (3º parágrafo). Esse trecho corresponde:

a uma justificativa científica do fenômeno contada pelo narrador a seu pai.

a uma justificativa mística do fenômeno contada pelo narrador a seus vizinhos.

(x) a uma justificativa científica do fenômeno contada pelo narrador a seus vizinhos.

a uma justificativa mística do fenômeno contada pelo narrador a seu pai.

09) Releia o início do 4º parágrafo: “**Certa noite, três anos atrás**, aconteceu algo impressionante”.

a) A expressão em destaque marca um acontecimento importante na linha do tempo da narrativa. Esse tempo é marcado com relação

(x) ao momento em que o narrador conta a história.

ao momento em que a família muda para o antigo sobrado.

a esse momento, agora, em que você está lendo o conto.

b) A que fato se refere o narrador, quando afirma que aconteceu **algo** impressionante?

O narrador se refere ao fato de algumas peças do quebra-cabeça flutuaram e se encaixaram no jogo.

c) O que significa o termo “impressionante” para o narrador?

Para o narrador, “impressionante” significa algo que ele não acreditava que estava acontecendo, ou que poderia acontecer.

10) Releia o trecho: “Depois do jantar, **fui** para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis. **Faltava** um quarto para a meia-noite. Eu **andava** à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando **senti** um ar gelado bem perto de mim”.

a) Os termos em destaque são formas verbais nos tempos:

presente e pretérito perfeito.

pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

pretérito perfeito e futuro.

b) Qual a função desses tempos verbais nesse trecho da narrativa?

Indicam que os fatos narrados ocorreram em um momento do passado. O pretérito imperfeito dá a ideia de continuidade das ações e criam um clima de mistério.

11) Releia o fragmento abaixo: “Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!” (4º parágrafo).

a) Identifique a opinião do narrador sobre o fato narrado:

“Eu tinha certeza.”

b) O ponto de exclamação no final desse trecho foi usado para:

() expressar medo.

() expressar surpresa.

() expressar dúvida.

(x) reforçar o que o narrador estava falando.

c) A opinião do narrador é importante nesse trecho? Por quê?

Sim, pois ele é quem narra os fatos e que supostamente vivenciou isso.

12) Releia o trecho: “Eu e Beth encontramos dúzias de **livros** que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E uma das explicações para fatos assim, é que talvez o ‘fantasma’ esteja nos dando um recado” (5º parágrafo).

a) De que tipo seriam, supostamente, esses livros?

() livros científicos

() livros de contos de fada

(x) *livros de espiritismo*

() livros de histórias de aventuras

b) O protagonista aceitou alguma das explicações que encontrou no livro?

Justifique sua resposta com trechos do texto.

Sim. Ele acreditou que o fantasma estava dando um recado a ele. “Hoje minha casa tem o jardim mais florido da rua”.

13) De modo geral, como você classificaria esse texto?

() um conto de terror, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.).

(x) *um conto de mistério, com predomínio da narração de ações de personagens.*

() um conto de mistério, com predomínio de opiniões do narrador.

() um conto de aventura, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.).

14) Os contos são textos construídos a partir de acontecimentos narrados, com sucessão de ações em um tempo passado. Identifique nesse conto as fases abaixo:

a) Situação inicial da narrativa: *a família se muda para uma casa enorme, que diziam ser mal-assombrada.*

b) Momento de início da tensão/mistério: *as peças do quebra-cabeça flutuam e se encaixam no jogo.*

c) Fase da resolução da tensão: *Não há fase da resolução nesse conto, pois o mistério permanece até o fim, há apenas suposições.*

d) Conclusão: *Fizeram um lindo jardim na casa, acreditando que esse era o recado do fantasma.*

15) Reflita sobre a história lida.

a) Assinale a alternativa correta:

() o narrador, no início da história, acreditava em fantasmas, mas deixa de acreditar, no final da narrativa.

(x) *o narrador, no início da história, não acreditava em fantasmas, mas passa a acreditar, no final da narrativa.*

() o conto não dá indícios que o narrador acreditou em fantasmas em algum momento da narrativa.

() o narrador sempre acreditou em fantasma.

(x) *o narrador, no início da história, não acreditava em fantasmas, mas passa a acreditar, no final da narrativa.*

() o conto não dá indícios que o narrador acreditou em fantasmas em algum momento da narrativa.

() o narrador sempre acreditou em fantasmas.

b) Justifique sua resposta: *No início do conto o narrador afirma nunca viu fantasmas e até tenta convencer os vizinhos de que casas antigas como a que ele morava estalam mesmo. No final, ele diz: nunca mais vi o fantasma.*

16) O conto fala sobre o quê? Se tivesse que apontar o tema principal, qual seria?

O conto fala sobre uma história de fantasma, de um casarão assombrado.

17) O título do conto é “Recado de fantasma”. Qual seria o Recado que o fantasma queria passar para o narrador?

Provavelmente que os moradores deveriam cuidar do jardim. De que a casa teria um lindo jardim com margaridas florescendo quase todo tempo.

18) Você já morou em uma casa com fama de mal assombrada?

R: Resposta pessoal, com base na experiência de vida do leitor.

Professor, é necessário que se faça uma retomada da leitura do conto “Recado de fantasma”, a partir das respostas dadas pelos alunos. Esse momento poderá ser, por exemplo, em forma de uma roda de conversa. O objetivo é analisar o texto, com base nas respostas dos alunos, tentando recuperar o percurso interpretativo que os levaram a ter um ponto de vista sobre o conto. Nesse momento, você pode, também, explorar mais aspectos que você considerar importante para a compreensão do texto e do gênero.

Considerando o público-alvo da intervenção didática, pode ser que os alunos não deem conta de responder todas as questões de compreensão da forma como nós as responderíamos. Por exemplo, a questão 12.b trata do uso dos **tempos verbais pretérito perfeito e pretérito imperfeito** no conto de mistério. Provavelmente alguns alunos se apoiarão em informações que tenham visto nos livros didáticos, bastante superficiais, indicando apenas que o pretérito refere-se a ações passadas. No entanto, perceber o porquê do uso e do predomínio desses dois tempos verbais na construção dos contos de mistério e os efeitos de sentido provocados por eles é importante para entender o funcionamento desse gênero textual.

Dessa forma, sugerimos que seja feita uma retomada das informações do texto, com base nas respostas dos alunos, de acordo com o que você julgar necessário. Seria interessante desenhar na lousa uma linha do tempo para explicar a sequência das ações no tempo cronológico e inserir o pretérito perfeito e o

imperfeito, mostrando a diferença de sentido entre usar um ou outro. Para essa explanação, pode utilizar trechos do próprio texto em estudo ou de um conto que compõe as oficinas desse projeto.

Professor, como essa etapa tem o objetivo de diagnosticar as capacidades de leitura dos alunos, é importante analisar os resultados obtidos para fazer ajustes necessários nas oficinas seguintes. Por exemplo, se verificar que seus alunos apresentam dificuldades em questões que requer inferência, ou de interpretação, deverá rever e reelaborar as atividades das oficinas, em função das necessidades de aprendizagem dos alunos.

Apresentamos, a seguir, uma **tabela de avaliação** que indica o que deve ser avaliado de maneira geral nessa etapa diagnóstica, que servirá de base também para as demais etapas da SLG.

Tabela de avaliação diagnóstica

Identificar os elementos da narrativa como narrador, personagens, espaço, tempo, ações.

Reconhecer a descrição desses elementos e como essa descrição é construída em função do mistério.

Identificar os momentos da narrativa.

Saber reconhecer as características de um conto de mistério.

Identificar o mistério na história narrada e saber como ele é construído.

Perceber a associação entre o título do texto e a história narrada.

Perceber qual é o assunto do texto, do que fala o texto,

Recursos utilizados para a descrição e efeitos de sentido, como por exemplo a sugestão do ambiente onde se desenvolve a história, o sinistro.

Identificar uso de recursos linguísticos: referentes ao conteúdo gramatical e lexical na construção de sentido do texto.

Perceber o desenvolvimento da história, as ações das personagens, as consequências.

Como o narrador ordena os acontecimentos, os tempos verbais predominantes nas ações.

Perceber as sensações sugeridas pelo texto como um todo (em função do efeito pretendido pelo autor)

A próxima etapa é destinada à leitura do conto “As formigas”.

6.3- Oficina do conto "As formigas"



Objetivos: Explorar e desenvolver nos alunos capacidades de compreensão leitora, nos três níveis: literal, inferencial e interpretativo sobre o texto apresentado e ao gênero *conto de mistério*. Explorar a descrição das personagens e do espaço nessa narrativa e como o mistério foi construído utilizando-se desse recurso no texto. Levar o aluno a perceber a riqueza de detalhes oferecidos pelo narrador-personagem, por meio da descrição do espaço, do ambiente, das personagens e suas ações. Explorar outros recursos como as escolhas lexicais e a linguagem figurativa na construção do mistério no conto trabalhado.



Professor, antes de fornecer o **Dispositivo Didático C**, sugerimos que faça uma motivação para a leitura do texto. Escreva na lousa apenas o título do conto: "As formigas". Então, provoque e questione os alunos sobre esse título, perguntando, por exemplo, que mistério poderia ser criado a partir de formigas; quais as características desses seres vivos; como elas vivem; como se organizam; o que poderia trazer um texto de misterioso ou sobrenatural sobre formigas.

6.3.1- Primeira etapa da leitura do conto “As formigas”

Professor, nesta oficina iremos trabalhar com o conto “As formigas”. Devido à extensão do texto, optamos por desenvolver a leitura em duas etapas, a partir de dois dispositivos didáticos construídos com base em questionários de leitura do texto.

Após a motivação oral, forneça o **Dispositivo didático C** impresso aos alunos. Primeiramente, encaminhe uma leitura silenciosa do texto, sem interferir na compreensão dos alunos. Importante considerar que o texto “As formigas” foi escrito em 1977, portanto será necessário contextualizá-lo, especialmente no momento da compreensão compartilhada. Sugerimos que pergunte aos alunos se acham que o conto foi escrito há algum tempo ou se é recente e o que os levou a essa conclusão, para mostrar a importância do contexto para a compreensão do texto.

Considerando que há vocabulários e expressões no texto que os alunos desconhecem, disponibilizamos um **glossário** como material de apoio, no caderno do aluno. Entretanto, a ideia é que você motive os alunos a tentar compreender o texto pelo contexto, sem fazer uso do glossário, pelo menos não em uma primeira leitura. Numa segunda leitura, se o aluno julgar necessário, ele pode fazer a pesquisa no glossário para uma melhor compreensão do texto.

Caso você queira conhecer mais sobre o estilo da autora do conto “As formigas”, sugerimos a leitura de dois artigos que analisam contos de **Lygia Fagundes Teles**, que podem ser acessados pelos links:

<http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RCOL/article/view/127>

http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/anaccalda.pdf

"As formigas"

1. Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.
2. – É sinistro.
3. Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.
4. – Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.
5. A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.
6. – É você que estuda medicina? – perguntou soprando a fumaça na minha direção.
7. – Estudo direito. Medicina é ela.
8. A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.
9. Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguissemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.
10. Minha prima voltou-se:
11. – Um caixote de ossos?
12. A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.
13. – Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?
14. – Ele disse que eram de adulto. De um anão.
15. – De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro a beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!
16. – Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Solto uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.
17. Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.
18. Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, prenda na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva

era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

19. – Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

20. Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

21. – De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. – Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

22. – É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

23. No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as pernas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! Mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

24. – Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

25. – Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

26. Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

27. – São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

28. – Só de ida.

29. Conte-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

30. – Está debaixo dela – disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. – Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

31. – Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

32. – Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

33. Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

34. – Esquisito. Muito esquisito.

35. – O quê?

36- Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. **Histórias de mistério**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Professor, oriente seus alunos a responderem as questões do texto. Nesse momento, é fundamental que eles façam isso sozinhos, sem a interferência do professor, para que não sejam influenciados em suas respostas.

Caminhe pela sala enquanto os alunos respondem às questões de compreensão e observe as respostas da turma. Assim que os alunos terminaram as atividades, proponha um momento de partilha das respostas, oralmente, para que a

turma possa construir, colaborativamente, a interpretação do texto. Nesse momento, é importante que observe as dificuldades dos alunos, para que possa ir adequando as oficinas, caso necessário. Não esqueça de sempre buscar explicações do percurso interpretativo do aluno, a fim de verificar possíveis incoerências na leitura. Isso porque, para um mesmo texto, muitas leituras são possíveis, sobretudo em um texto literário, porém, não é qualquer leitura.

Solé (1998) define leitura como “um processo de interação entre o leitor e o texto”. Nesse sentido, a autora esclarece que essa definição “envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto” (SOLÉ, 1998, p. 22).

Partimos do pressuposto de que esse processo envolve a utilização de estratégias de leitura, como afirma Menegassi (2010, p. 41), “para decodificar, compreender e interpretar o texto e resolver os problemas que encontra durante a leitura”.

Esta etapa deve ser aproveitada também para ampliar a compreensão, explorando oralmente aspectos que não estejam sendo abordados no questionário escrito. Lembre-se que o texto é rico em recursos e, portanto, não é possível explorar tudo o que ele apresenta por meio de um único questionário, pois ficaria uma lista de atividades muito extensa.

Para esse momento, deixamos algumas sugestões como:

-  chamar a atenção dos alunos para a linguagem usada pela narradora-personagem;
-  relacionar a linguagem da estudante à sua idade, identidade, perfil;
-  na questão 2, durante a verificação das respostas, levá-los a perceber a diferença de personalidade entre as estudantes: observar que a estudante de medicina é racional, centrada, mais madura e disciplinada, enquanto a narradora aparenta ser insegura, relata sonhos estranhos, é medrosa e indisciplinada, mais infantil (dorme com um urso de pelúcia).

Ressaltamos que durante o momento da correção e da partilha, o professor poderá intervir junto às respostas e observações dos alunos, instigando-os, questionando-os, fazendo-os refletir; jamais dar respostas prontas, pois nosso objetivo é levar o aluno a construir os sentidos do texto.

O gabarito, como já dissemos, não pode ser encarado como uma “camisa de força”. Ele é apenas um guia para auxiliar no seu trabalho de construção de sentidos do texto com os alunos.

Gabarito Dispositivo Didático C

Parte 1

1) Quem narra essa história é um

(x) narrador-personagem.

2) Sobre as personagens:

a) Quem são as personagens principais da história?

R: *As duas estudantes universitárias.*

b) Que informações podemos encontrar no texto sobre essas personagens? Monte um perfil físico e outro psicológico de cada uma:

estudante de direito estudante de medicina

jovem

jovem

emotiva

racional

medrosa

decidida

3) Faça uma lista com as características usadas para descrever a dona do sobrado:

Velha, balofa, fumante, unhas grandes e encurvadas, usava peruca negra.

4) Com base na descrição da dona do sobrado, que imagem podemos criar sobre ela

Uma mulher descuidada, sinistra, uma bruxa.

5) Por que as jovens estudantes alugaram o velho sobrado?

Porque era a pensão mais barata da região e poderiam usar o fogareiro no quarto.

6) Observe como o narrador caracteriza o ambiente e todos os objetos que fazem parte dele.

a) Complete com elementos do texto:

antigo sobrado

janelas *ovaladas*

saleta *escura*

móveis *velhos*

escada *estreita*

cheiro *ardido*

b) Pense nas palavras que você escreveu na questão anterior. O que esses elementos têm em comum?

Todos fazem o ambiente parecer sombrio, misterioso.

7) Responda com base nos parágrafos 1 e 2; 8 e 12: Como foi caracterizado o sobrado? E o quarto em que as universitárias ficaram?

Sobrado: sinistro.

Quarto: no sótão, muito pequeno e mal iluminado.

8) Você considera importante a descrição do espaço ou do ambiente em um conto de mistério? Por quê?

Sim. Porque a imagem que o leitor constrói do ambiente é importante para se estabelecer o mistério da narrativa.

9) Quais aspectos e fatos chamam a atenção das estudantes na primeira noite que passam no quarto alugado? Assinale:

- (x) o cheiro de bolor
- (x) “As formigas”
- (x) o caixotinho com ossos do anão.

10) A que fato a estudante de medicina se refere quando diz: “esquisito, muito esquisito”?
Ela refere-se ao fato de “As formigas” aparecerem do nada, e muito organizadas, só com trilha de ida rumo ao caixotinho com os ossos do anão.

11) Considerando até o ponto que você leu, quais aspectos ou elementos desse conto chamaram a sua atenção e sugerem algo misterioso ou sinistro?
O quarto no sótão, o sobrado antigo e sinistro, “As formigas”, o caixote de ossos, o cheiro esquisito, a dona do sobrado, etc.

12) Em sua opinião, há algo sobrenatural acontecendo no quarto do sótão ou haverá uma explicação científica para o sinistro? Por quê?
Resposta pessoal.

Professor, encerrada a 1º etapa dessa oficina, proponha uma roda de conversa para que os alunos possam partilhar suas observações sobre a leitura que fizeram do texto, respostas e dúvidas. Entretanto, como estamos na primeira parte dessa leitura, as conclusões referentes a essa etapa devem ser limitadas às questões do dispositivo didático C, pois a ideia é aguçar a imaginação e criatividade dos alunos com as atividades propostas na fase seguinte: do **intervalo de leitura**.

6.3.2- Intervalo da oficina do conto “As formigas”

Professor, para as atividades do intervalo de leitura teremos dois momentos. Como nós paramos a leitura no momento de início da tensão, é preciso instigar os alunos sobre o que pode acontecer a partir desse ponto na narrativa. Encaminhe a proposta a seguir, orientando que os alunos a façam individualmente, no caderno.

Comando da atividade

Como você acha que termina esse conto? Continue a escrever o conto. Atente-se para quem narra a história, as características das personagens e do cenário, a linha do tempo. Observe, também, o estilo de escrita, pois você deve manter a coerência.

Recolha as atividades dos alunos e as guarde. Ao final desta oficina, depois da leitura original do conto e das atividades de compreensão, retome os textos

produzidos neste intervalo e, numa roda de conversa, compare a segunda parte original do conto com as versões dos alunos. Discuta possíveis incoerências estilísticas ou de narrativa, chame a atenção para a construção do mistério e sua possível resolução, para a criatividade narrativa dos alunos, etc.

Para realizar o segundo momento do intervalo de leitura, será preciso dividir a turma em equipes (de mais ou menos 5 alunos), a fim de organizar melhor o trabalho. Todas as equipes terão como tarefa mostrar, por meio de desenhos, a descrição:

-  do espaço e do ambiente externo do sobrado;
-  do ambiente interno do quarto do sótão, incluindo “As formigas” e o caixotinho;
-  das personagens (as duas estudantes, a dona da pensão).

Professor, não se esqueça de levar os materiais necessários para a sala, como papel para os desenhos, fita adesiva, canetinhas, pois assim que as equipes terminarem os desenhos, juntos deverão formar um painel representando os elementos que foram descritos no conto até o momento lido e deixar exposto na sala de aula.

6.3.3- Segunda etapa da leitura do conto “As formigas”

Professor, acreditamos que após realizarem as atividades da primeira parte do texto e as dinâmicas do intervalo de leitura, os alunos estejam curiosos para ler e descobrir o desenrolar do conto “As formigas”. Então vamos para a próxima etapa!

Forneça aos alunos o **Dispositivo Didático D**. O encaminhamento é semelhante ao da primeira etapa desta mesma oficina.

-  Leitura individual e silenciosa;
-  Realização das atividades propostas, sem a intervenção do professor;
-  Momento de verificação e partilha da compreensão e pontos de vista, observados nas respostas dadas pelos alunos e ampliação da compreensão e interpretação, mediada pelo professor.

Esta segunda parte do texto é mais extensa e as atividades propostas exploram fases importantes na construção da narrativa, marcadores temporais e recursos linguísticos, tema e conclusão.

Esclarecemos que estamos explorando as fases das narrativas de mistério neste projeto, de acordo com Bronckart (2003, 2006), entretanto tais fases são prototípicas; isso significa que nem todos os contos terão todas essas fases. Ressaltamos que nos contos de mistério há uma tensão que está sempre relacionada ao mistério, podendo haver vários mistérios, mas existe um mistério maior que move a narrativa dentro dessas fases. É muito comum que essa tensão, que está ligada ao mistério não se resolva ao final da narrativa, isto é, normalmente a tensão vai sendo ampliada, vai crescendo à medida que história vai sendo narrada, de forma que em alguns contos o mistério maior (tensão) é solucionada em partes, mas sempre deixa no ar a resolução do mistério, fator que caracteriza o gênero conto de mistério, uma vez que sem a fase da resolução, mantém - se a ambiguidade, a hesitação do leitor frente ao real ou imaginário; ao sobrenatural ao insólito.

É preciso que os alunos percebam que os contos de mistério têm essa característica tão peculiar do gênero. Dessa forma, as fases da narrativa podem ser exploradas em todos os textos desse projeto, mesmo que seja na modalidade oral, para que até o final das oficinas eles tenham clareza de que nos contos de mistério não haverá a fase da resolução, mas em todos os contos haverá a conclusão.

Instrua seus alunos a listar e/ou registrar informações importantes, características que eles já tenham percebido que definem o gênero conto de mistério, com base nas atividades realizadas. Essas anotações devem servir para que os alunos possam retomar os conteúdos em outros momentos, se necessário.

Você pode provocá-los, oralmente, com relação a sintetizar conhecimentos que já construíram sobre os contos de mistério e aspectos que consideram importantes sobre o assunto abordado em cada etapa. A intenção é que no decorrer de todo processo, de realização das leituras e produções, os alunos construam seus conhecimentos, ampliem, desenvolvam capacidades leitoras sobre o gênero e o texto.

A questão 8 aborda a linguagem figurada e recursos de linguagem. Entretanto sugerimos que deixe os alunos responderem sem interferir e logo após finalizar essa

etapa haverá uma atividade no intervalo voltada para essa questão, que também é importante na construção dos contos de mistério.

As reflexões devem ser ampliadas de acordo com as necessidades e as dúvidas que forem surgindo no momento de partilhar as respostas e pontos de vista, por isso consideramos fundamentais os momentos de partilhar e rodas de conversa.

Gabarito do Dispositivo Didático D

Parte 2

1) No trecho “No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura **delas**. Não vi **nenhuma**.” A que se referem os pronomes em destaque?

Os pronomes referem-se às formigas.

2) Observe a fala da estudante de medicina (parágrafo 48): “Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo”. Que fenômeno a personagem acha muito esquisito?

O fato de que fila de formigas mortas havia desaparecido misteriosamente do chão.

3) No trecho “Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, **mas seria bolor**”? Não me parecia um cheiro assim inocente...”.

a) A parte destacada refere-se a uma fala ou a um pensamento da personagem?

A um pensamento.

b) Para quem ela faz essa pergunta (em destaque)?

A si mesma.

c) O que você entende da fala da estudante: “Não me parecia um cheiro assim inocente”? (Parágrafo 49)

Que ela não tinha certeza se era mesmo cheiro de bolor.

4) Observe o trecho: “As formigas”. Só atacam de noite, antes da madrugada.”

a) Se “As formigas” aparecessem no quarto durante o dia, o fato causaria o mesmo efeito que causou nas personagens? Por quê?

Não. Porque durante o dia tudo é claro e elas estariam acordadas. À noite, sendo escura, sugere o mistério e o medo.

5) Todo conto está organizado a partir das ações das personagens ou a sucessão de acontecimentos, numa sequência temporal.

a) Nesse conto o tempo é marcado cronologicamente? A história se passa em quantos dias, ou quantas horas? Explique com base no texto:

O tempo é marcado cronologicamente. A história se passa em três noites. É possível contar as noites seguindo os marcadores temporais, que indicam as horas que as estudantes chegavam à pensão, a hora que iam dormir e que o despertador tocava de manhã, indicando uma sequência cronológica.

b) Quais expressões nos indicam o tempo nessa história?

O tempo é indicado pelas expressões: quase noite, às seis horas, pelas sete horas da noite, antes da madrugada.

6) No trecho “No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda!”, o ponto de exclamação indica:

medo, pavor

entusiasmo

surpresa

7) Nos trechos a seguir, indique a única opção em que há uma opinião:

- () *Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.*
 (x) *Aí é que está o mistério.*
 () *Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra?*

8) Compare a última frase do conto com o primeiro parágrafo.

(Parágrafo 85) “Quando encarei a casa, **só a janela vazada nos via**, o outro olho era penumbra”.

(Parágrafo 1) “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, **iguais adois olhos tristes**, um deles vazado por uma pedrada”.

a) Observe o que há em comum entre esses trechos. Qual seria a relação entre os dois?(FM) (D4)

Os dois trechos falam da mesma janela com um vidro quebrado, ambos sugerem uma imagem sinistra do velho sobrado, com suas janelas ovaladas.

b) Em ambos os trechos foi usada a linguagem figurada (metafórica). Assinale a alternativa correta quanto a respectiva identificação desses recursos

() 1-comparação; 2-personificação

(x) *1-personificação; 2-comparação.*

c) Que sentidos esses recursos trazem ao texto?

Esses recursos de linguagem ajudam a criar imagens, representações do que o narrador expressa e intensificam o clima de mistério.

9) Você já viu que geralmente os contos são formados por momentos que constroem a narrativa. Identifique os momentos no conto lido e resuma cada momento em uma frase:

Situação inicial: As estudantes chegam ao sobrado onde alugaram um quarto.

Momento de início da tensão/mistério: As jovens percebem muitas formigas” aparecendo durante a noite e entrando no caixote com ossos do anão.

Fase da resolução da tensão: Nesse conto não há resolução da tensão/do mistério.

Conclusão: As estudantes vão embora durante a madrugada, antes que o anão esteja montado.

10) Releia os dois últimos parágrafos do texto (84 e 85) e conclua: O mistério foi resolvido? Explique:

Não. As jovens fugiram, sem desvendarem o mistério, o que realmente acontecia naquela casa.

11) Quais recursos marcam o mistério desse conto?

A descrição detalhada e sinistra do ambiente e da dona do sobrado, as impressões da narradora-personagem, as conversas entre as estudantes, os sonhos da narradora, os acontecimentos misteriosos, como “As formigas” aparecerem somente durante a noite, entrarem no caixote de ossos e montarem o esqueleto do anão e depois desaparecerem misteriosamente.

12) Por que o autor do conto deu o título de “As formigas”? Que outro título você daria ao texto?

O autor escolheu esse título porque “As formigas” representam o mistério nesse conto e o título chama a atenção do leitor. Resposta LIVRE (mas tem que ser coerente com o texto e o mistério).

13) O que você entendeu do conto “As formigas”? Faça um texto que resuma a história, mas também exponha como a narrativa foi construída. Para fazer essa atividade, volte às suas respostas.

Resposta pessoal, mas coerente.

14) Você já vivenciou alguma situação sinistra ou misteriosa como essa do conto “As formigas”?

Resposta pessoal.

Professor, ao finalizar a segunda etapa de leitura dessa oficina, promova uma roda de conversa, na qual deverá ser retomada a produção escrita dos alunos feita durante o intervalo de leitura, conforme orientado anteriormente. E aproveite para explorar os recursos linguísticos que caracterizam o conto de mistério.

Vale lembrar que o conto de mistério possibilita trabalhar com imagens sugestivas e seu ponto forte é o efeito de suspense/mistério que o autor pretende causar no leitor, o que significa que o autor irá dispor de todos os recursos possíveis em prol de alcançar tal efeito. E, nessa perspectiva, os recursos linguísticos e estilísticos configuram poderosas ferramentas na construção do mistério e, portanto, são essenciais para alcançar o efeito pretendido com o conto.

Para explorar esses recursos no texto “As formigas”, sugerimos as atividades a seguir, bem como o dispositivo didático E.

O uso da **linguagem figurada** (entre elas, a **metáfora**), no cenário do conto de mistério é uma das ferramentas que garante maior expressividade às imagens sugeridas, e possibilita ao leitor criar representações a partir desse recurso, o que significa dizer que, por meio da construção metafórica, pode criar-se o clima de mistério.

A partir das considerações feitas, observamos que a maioria dos contos de mistério explora essa linguagem, e portanto, reconhecendo sua importância na construção dos contos de mistério, propomos que seja realizada uma atividade de produção escrita com seus alunos, a fim de que eles sejam capazes de identificar, reconhecer o uso desses recursos na construção do mistério, bem como perceber o efeito de sentido causado pelo emprego da linguagem figurada nos textos.

Professor, chame a atenção dos alunos para o uso da linguagem figurada, conceitue, esclareça e exemplifique.

Todorov (1980) afirma que há relações entre o fantástico e o discurso figurado. Para o teórico, o sobrenatural nasce da linguagem, é como uma consequência da linguagem, pois, somente ela permite conceber o que sempre está ausente: “o sobrenatural”. E este se converte em um símbolo da linguagem. Entendemos a partir da leitura de Todorov e das análises feitas dos contos de mistério que compõem esse trabalho, entre outros, que a linguagem figurada ou metafórica é usada para criar, construir o mistério, por meio das sugestões de imagens, ideias abstratas e sensações que causam no leitor.

Em seguida forneça o **Dispositivo Didático E**.

Para a atividade 2 sugerimos que prepare um fundo musical apropriado para histórias de mistério. Peça que os alunos fechem os olhos por um instante. Leia pausadamente para eles os trechos dos textos.

Noite, ainda não. Mas as nuvens tão escuras, que era como se fosse. E nesse escuro pesado, envolta num manto, a Morte galopava seu cavalo negro em direção ao castelo. (“A morte e o rei”, Marina Colasante)

Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. (“As formigas”, Lygia Fagundes Teles)

Em seguida, peça aos alunos que abram os olhos e pergunte a eles se criaram alguma representação das descrições dos trechos que você leu e como eles imaginaram os cenários. Essa atividade tem como objetivo que o aluno perceba a importância do uso da linguagem figurada (metafórica) para construir representações e criar o clima de mistério no gênero textual em estudo.

Dispositivo Didático E: Imagens metafóricas

1) Comparem os trechos e respondam: qual dos trechos é mais expressivo? Qual sugere uma imagem mais criativa e um clima de suspense e mistério? Por quê?

1º. *Era uma noite escura, estava ventando e parecia que ia chover. Não havia ninguém na estrada.* (adaptado do trecho 2)

2º. *Noite escura no mato. Estrada de terra sem vitalma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.* (conto “Gaspar, eu caio”, de Ricardo Azevedo)

O trecho 2 é mais expressivo. Porque utiliza a linguagem metafórica...

2) Siga as orientações do seu professor para fazer a atividade nº2.

3) Agora, desafie os alunos a construírem frases metafóricas que representem os elementos abaixo:

- a) uma bruxa
- b) uma casa abandonada na floresta
- c) uma noite escura assustadora

Para dar suporte a essas atividades, trazemos algumas definições de figuras de linguagem semânticas que são comuns nos contos de mistério.

Metáfora: caracteriza-se pelo emprego de um termo com o significado de outro, tendo em vista a semelhança entre ambos. Entretanto, essa semelhança não é estabelecida com o emprego de elementos linguísticos comparativos.

Ex: (...) deslumbrado diante da obra que acabara de executar, (...) gritava:

_ Isto é a própria vida! É a vida mesmo!

Comparação: nesse recurso há sempre dois seres, objetos ou ideias sendo comparados, porém a comparação se estabelece por meio de um conectivo, ou seja, uma palavra que estabelece conexão entre os termos (como, tal qual, igual etc.)

Ex.: *As formigas, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.*

Personificação: atribui ações, sentimentos e comportamentos humanos a animais ou seres inanimados.

Ex.: *Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.*

Para explorar o léxico na construção do mistério, sugerimos algumas atividades opcionais que podem ser trabalhadas apenas na oralidade, ou ainda serem transcritas no quadro para que os alunos as realizem no caderno, pois não compõem um dispositivo didático.

Atividade extra: léxico no conto “As formigas”

1) Observe a lista de palavras extraídas do texto:

Caixotinho

Palhinhas

Perninhas Dentinho

Charutinho

Ossinhos

a) O que essas palavras têm em comum?

Todas são substantivos e estão no grau diminutivo.

b) A que (ou quem) essas palavras estão relacionadas no texto?

Ao anão.

c) Qual a personagem que pronuncia essas palavras?

A personagem que narra a história.

d) Qual o sentido provocado pelo uso desse recurso linguístico?

Os diminutivos indicam pequenez, pois foram usados para caracterizar o anão, mas também mostra uma característica de quem está falando essas palavras.

2) Observe o grupo de palavras extraído do texto:

Fraquíssima (luz)

Raríssimo (ossos do anão)

Limpíssimos (ossos do anão)

a) O que essas palavras têm em comum e como são classificadas?

Todas essas palavras são classificadas como adjetivos e estão no grau superlativo.

b) Qual o sentido provocado pelo uso desse recurso?

Transmite a impressão que a personagem que falou essas palavras tem sobre os objetos descritos; mostra a descrição exata dos objetos descritos.

3) Pergunte se os alunos conhecem as palavras a seguir e se sabem significado delas.

Bolor – *Mofo, comum em lugares úmidos e escuros.*

Assoalho – *Piso com tacos ou tábuas de madeira.*

Alva – *Branca.*

a) Essas palavras são atuais ou antigas?

Antigas.

b) Essas palavras estão relacionadas ao mistério? Explique.

Sim. As palavras: bolor e assoalho mostram que a casa é velha, antiga e escura. No texto, ajudam a compor o ambiente sinistro.

4) Observe as palavras abaixo:

Desembocavam

Desformigar

a) Você conhece essas palavras?

Resposta pessoal.

b) O que elas significam?

Desembocar – sair de um lugar estreito para outro mais largo.

Desformigar – é um neologismo. Significa que “As formigas” vinham por baixo da porta em fila e entravam no caixote, desfazendo a organização da fila de formigas.

Professor, caso você faça opção por trabalhar as atividades sugeridas acima, é muito importante ouvir os alunos nesta etapa, pois o objetivo maior é levá-los a entender como os recursos usados no texto são importantes para a sua compreensão e para a caracterização do gênero conto de mistério.

Vamos para a próxima etapa: a Oficina do conto “O retrato oval”:

6.4- Oficina “O retrato oval”



Objetivos: Desenvolver capacidades de compreensão leitora, nos três níveis: literal, inferencial e interpretativo sobre o texto apresentado e sobre o gênero conto de mistério. Reconhecer o uso dos tempos verbais (no pretérito) predominantes no conto/gênero, seu funcionamento textual/discursivo bem como as “significações” dessas escolhas na construção de sentido do texto. Refletir sobre as características específicas do gênero conto de mistério, os recursos utilizados na construção desse gênero, compartilhar as conclusões sobre o assunto, registrar as informações compartilhadas e conhecimentos construídos até esta etapa.



Professor, antes de iniciar essa oficina, sugerimos que escreva na lousa o título do texto, “O retrato oval”, e pergunte aos alunos o que eles entendem por esse título, se sabem o que quer dizer as palavras “retrato” e “oval”, que mistério poderia estar envolvido nessa história, o que eles imaginam que pode ocorrer no texto.

O conto explorado nessa oficina não é um texto extenso, entretanto, sendo uma obra do mestre **Edgar Allan Poe**, é rico em detalhes e tem uma estrutura

diferente dos outros contos estudados nessa SLG, pois retrata duas narrativas em uma – uma narrativa principal e outra, encaixada na principal, que conta a história da jovem do retrato oval. É importante que os alunos percebam essas duas instâncias discursivas na trama do conto.

Para que você, professor conheça mais e compreenda melhor a estrutura, a grandiosidade e genialidade nas obras de Edgar Allan Poe, sugerimos a leitura de alguns artigos, disponíveis pelos sites abaixo relacionados:

Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6960855>

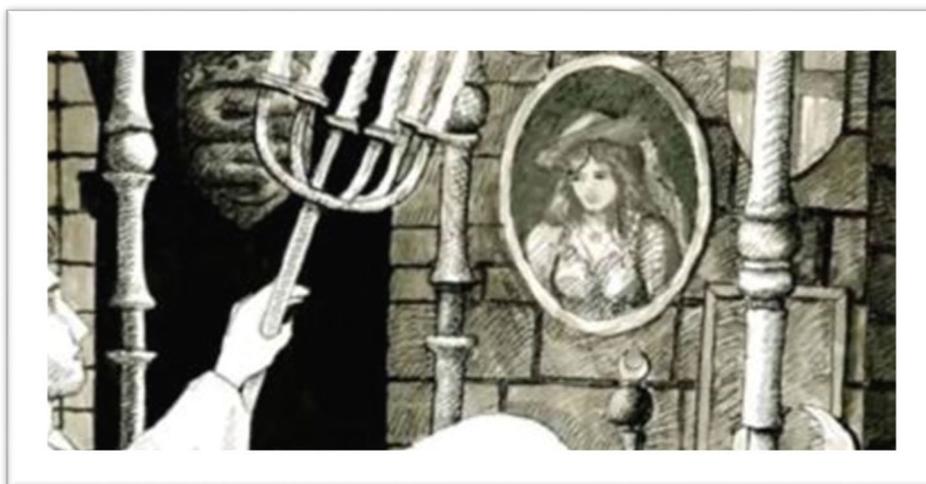
A recepção de Poe na Literatura Brasileira.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/7676/7010>

As estruturas semionarrativas do conto 'O retrato oval ... – UFJF

<https://www.ufjf.br/darandina/files/2019/11/Artigo-Jorge-Lucas-Santos.pdf>

"O retrato oval"



1. O castelo surgira a nossa frente como uma tábua de salvação. Eu estava seriamente ferido e ameaçado de passar a noite ao relento. Por isso, meu criado não hesitara em forçar a entrada.
2. A construção sólida, imponente, misturava o grandioso ao sinistro.
3. Parecia abandonado, pois não aparecera ninguém à nossa chegada. Mas, se abandonado, o fora há pouco, ou talvez por pouco tempo. Tudo estava arrumado, limpo, suntuosamente mobiliado. Escolhemos um dos aposentos menores e decorado com mais modéstia. Situava-se numa torre larga e mais baixa, afastada dos demais aposentos. Esta peça, embora mais simples, ainda assim era ricamente decorada. Objetos antigos,

preciosos, paredes recobertas de luxuosa tapeçaria. Tudo porém desbotado, , usado pelo tempo. Escudo, troféus e um número extraordinariamente grande de pinturas modernas, muito vivas, metidas em molduras douradas. Esses quadros, não sei se por sua originalidade ou pelo contraste que faziam com o ambiente, despertaram em mim profundo interesse. Eu estava fascinado. Apesar de ferido, meu entusiasmo me excitara de tal forma que eu já me dispusera a me manter acordado, estudando, pesquisando. E assim foi.

4. Ordenei a Pedro, meu criado, que fechasse os pesados postigos. Já era noite fechada.

5. Pedro acendeu as velas de um enorme candelabro que estava na cabeceira do meu leito. Foram abertas as cortinas que velavam a cama.

6. Eu me dispus, então, à contemplação das telas e ao exame de um pequeno volume que encontrara sobre o travesseiro. Ali estavam a descrição e a crítica daqueles quadros.

7. Li longamente. Li muito. E contemplei todos eles devotamente, com toda a atenção. As horas voaram e eu não senti. Afinal, meia-noite, a profunda meia-noite chegou sem que eu visse.

8. A posição do candelabro incomodava-me. Afinal, eu já estava cansado. Meu criado adormecera e eu não queria perturbar-lhe o sono. Estendi a mão e troquei a posição da luz, de modo que se lançasse, em cheio, sobre o livro.

9. Meu gesto produziu, porém, efeito inteiramente imprevisto. Os raios luminosos das inúmeras velas caíram sobre um nicho existente no quarto, que estivera, até então, oculto pela sombra de uma das colunas do leito.

10. Vi assim, à plena luz, uma tela que ainda não havia notado.

11. Era o retrato de uma jovem. Mais parecia uma adolescente.

12. Olhei o quadro e fechei os olhos, em seguida. Procurei dentro de mim o motivo por que estava agindo assim. Vi então que aquele fora um movimento impulsivo para ganhar tempo de pensar. Queria certificar-me de que a vista não me havia enganado. Tranquilizar e dominar minha imaginação.

13. Pouco depois, com serenidade e mais certeza, contemplei fixamente o quadro.

14. Bem, não podia agora duvidar. Eu estava acordado, meus olhos já se haviam habituado à luz das velas que incidiam sobre a tela.

15. O retrato, como já disse, era de uma jovem. Cabeça e ombros. Para baixo, o resto do busto tornava-se imperceptível, jogado no vago sombreado que constituía o fundo. Ali desapareciam também as pontas louras do cabelo.

16. A moldura era oval, em filigrana dourada.

17. Como arte, nada podia ser mais admirável do que aquela pintura. Mas não fora a execução da obra, nem a imortal beleza do rosto. Nem o trabalho de minha imaginação, despertada de seu quase adormecimento pela semelhança daquela cabeça com a de uma pessoa viva.

18. Meio sentado, meio deitado, fiquei, talvez, uma hora com os olhos presos ao retrato.

19. Só consegui deitar-me depois de chegar ao segredo do fascínio que o quadro despertara em mim. Afinal, entendi. Descobri. Mas a descoberta me confundiu, me aterrorizou. E foi debaixo de um profundo horror que repus o candelabro na posição anterior. Assim ficava oculto o nicho. E a causa de minha intensa agitação.

20. Apanhei o volume que contava a história das pinturas. Busquei com ansiedade o número do retrato oval, aquele que, com sua absoluta aparência de vida, me causara tamanho impacto.

21. E lá estava a história.

22. Sim, era muito jovem o modelo do retrato. Jovem, alegre, feliz. Um dia viu, amou e casou-se com o pintor. O artista daquela obra maravilhosa. Ele, porém, já possuía outra noiva que o absorvia inteiramente: sua arte.

23. Ela amava a vida. Animava tudo com seu entusiasmo jovem e feliz. Amava tudo menos aquela rival: a Arte. E odiava e temia os pincéis, a paleta que a privavam do amado.

24. Assim, foi terrível, para ela, ouvir o desejo dele de fazer o seu retrato. Mas era humilde e obediente.

25. Durante semanas e semanas, sentou-se no mal-iluminado quarto da torre larga e isolada. Ali a luz vinha apenas de cima.

26. Ele, o pintor, apaixonou-se pelo trabalho. E prosseguia hora após hora. Dia após dia. Seu amor à arte, a obsessão pelo trabalho, seu delírio de artista o impediam de notar que a esposa empalidecia e que sua saúde murchava aos poucos. Todos notavam, menos ele. E ela sorria. Não se queixava, não mudava a expressão. Pelo contrário, também se animava, vendo-o trabalhar dia e noite, inteiramente tomado pela obra. Ela o amava muito. Mas a cada dia tornava-se mais fraca e sem vida.

27. Os que viam o retrato maravilhavam-se. Ele estava fazendo sua obra-prima.

28. Quando a obra se aproximava do fim, ele não permitiu a entrada de outras pessoas na torre. Só ele e o modelo. Tornara-se um selvagem. E raramente desviava o olhar da tela. Nem mesmo para contemplar o rosto da esposa. Se o fizesse, veria que as cores que espalhava sobre a tela eram tiradas da face daquela que estava à sua frente.

29. Muitas semanas se passaram. Pouca coisa restava a fazer. Faltavam um toque na boca e um colorido nos olhos. Foi feito o toque e foi dado o colorido.

30. O espírito da jovem, como a chama de uma vela, parecia tremular, despedindo-se.

31. O pintor parou deslumbrado, diante da obra que acabara de executar. Enquanto a contemplava, pálido, emocionado, tremia. E, alto, gritava:

32. -Isto é a própria vida! É a vida mesmo!

33. Voltou-se, então, para ver o modelo, sua esposa.

34. Estava morta.



POE, Edgar Allan. O retrato oval. In: **Histórias extraordinárias de Allan Poe**. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2005.

Professor, você poderá ler mais e se inteirar sobre o conto por meio da leitura do artigo “Um retrato tradutório de ‘O retrato oval’”, de Maria da Luz Alves Pereira e Rauer Ribeiro Rodrigues (<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5037/3708>).

Forneça o **Dispositivo Didático F**. Sugerimos que encaminhe uma leitura silenciosa do texto, sem interferir na compreensão dos alunos. Em seguida, poderá ser feita outra leitura, pela professora ou ainda poderia convidar dois alunos para fazerem a leitura em voz alta, sendo que o primeiro leria o texto até o parágrafo 7 e, o segundo, continuaria com a segunda parte até o final, como uma estratégia para que eles percebam que o conto traz uma história inserida na narrativa principal.

Terminada a leitura, verifique se tem vocabulários que os alunos não entendem, não conhecem, e caso tenha essa situação, poderá elencar no quadro

essas palavras e montar um glossário ou pedir que os alunos pesquisem as palavras desconhecidas no dicionário.

Em seguida, oriente os alunos para que respondam às perguntas sobre o texto. Deixe-os responderem por conta própria, porém caminhe pela sala e observe o desenvolvimento das atividades. É provável que eles precisem de um bom tempo para responder às questões, já que não são poucas, mas são necessárias para levar o aluno a compreensão do conto enquanto texto e enquanto gênero conto de mistério.

Quando os alunos terminarem de responder às questões, proponha um momento de conversa sobre a compreensão do texto, não apenas como uma correção das respostas, mas como um instrumento de verificação e de construção dos conhecimentos dos alunos no que se refere à leitura do conto proposto e do gênero em questão, conforme objetivos traçados.

É importante que esse momento seja de compartilhar a leitura, de ampliar a capacidade de observação e de reconhecimento do gênero conto de mistério, bem como a forma como o mistério foi construído pela narrativa, os recursos utilizados, e o que diferencia esse gênero dos demais contos em geral.

É preciso chamar a atenção dos alunos com relação à construção desse conto, pelo fato de ele ter duas histórias em uma, da mudança de narrador das histórias, do discurso (sem diálogos), da riqueza de detalhes na descrição do ambiente e da jovem retratada no retrato oval. Ressaltamos que não é possível explorar tudo o que esse texto oferece, porém, a partir das respostas e observações dos alunos, você saberá até onde pode chegar.

A questão 9, por exemplo, explora os tempos verbais. Vale lembrar que os tempos verbais situam o leitor no processo de comunicação da linguagem. Nesse contexto, o pretérito indica o que está sendo narrado. Esse conto especificamente narra os acontecimentos utilizando-se dos tempos verbais: pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais que perfeito. Entretanto acreditamos que alunos de 6º ano (nosso público-alvo) não estejam preparados para compreender a complexidade gerada pelo uso pretérito mais que perfeito nessa narrativa. Então propomos que seja explorado nessa oficina o predomínio dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito, de forma que os alunos consigam além de identificar e reconhecer esses tempos verbais no texto, compreender seu funcionamento

discursivo e as possíveis significações atribuídas a história narrada, por meio deles, especialmente no que se refere a construção do suspense, do mistério.

Nesse sentido, é preciso chamar a atenção dos alunos para a forma como o autor ou narrador ordena os acontecimentos, que recursos utiliza para narrar os fatos. Relacionar o uso do pretérito perfeito com o tempo marcado, uma ação acabada, na linha do tempo; enquanto o pretérito imperfeito nos contos de mistério são recursos usados não apenas para narrar acontecimentos passados, mas para construir o suspense, na medida em que expressa continuidade, um prolongamento das ações que estão sendo narradas, ou das sensações provocadas por essas ações geralmente associadas a descrições de eventos ou ambientes sinistros.

Ex.: **Olhei** o quadro e **fechei** os olhos em seguida.

A construção sólida e imponente **misturava** o grandioso ao sinistro.

Gabarito Dispositivo Didático F

1. Releia o primeiro parágrafo. “O castelo surgira à nossa frente como uma tábua de salvação. Eu estava seriamente ferido e ameaçado de passar a noite ao relento. Por isso, meu criado não hesitara em forçar a entrada.”

a) É possível identificar um narrador:

() observador

(x) *personagem*

b) Por que o homem estava ferido e por que corria o risco de dormir ao relento?

O texto não traz essa informação. É um mistério que permanece até o fim da narrativa. Ajuda a dar esse tom misterioso e fantástico à narrativa.

2. Por que os dois homens entram no castelo?

Os dois homens entram no castelo para não passarem a noite ao relento, porque um deles está gravemente ferido.

3. Como o narrador-personagem descreve (caracteriza) o castelo? O que faz com que o castelo pareça sinistro?

O narrador descreve o castelo como uma construção sólida e imponente. Seu aspecto grandioso e abandonado faz parecer sinistro.

4. Em que outros tipos de narrativas normalmente aparecem castelos? Nesses outros tipos de contos, os castelos têm as mesmas características?

Normalmente aparecem castelos em contos de fada. Não. Pois nos contos de fadas há reis, príncipes e princesas, são lugares perfeitos e as histórias sempre têm finais felizes.

5. Por que o narrador supõe que o castelo havia sido abandonado?

O narrador supõe que o castelo havia sido abandonado porque não apareceu ninguém para atender a porta quando eles chegaram e não encontraram ninguém quando entraram no castelo.

6. Se o castelo estivesse mesmo abandonado, por que estava tudo limpo e arrumado?

O texto não traz nenhuma informação sobre isso; é um mistério que não é desvendado; é um fato que só aumenta o clima de mistério do conto.

7. Releia o trecho: “Objetos antigos, preciosos, paredes recobertas de luxuosa tapeçaria. Tudo, porém, desbotado, usado pelo tempo.”

a) Encontre nessa descrição duas palavras que revelam um contraste entre as características dos objetos:

luxuosa/ desbotado.

b) Esse contraste (ideia oposta) é introduzido (marcado) pela palavra:

() tudo

(x) porém

() usado

c) Qual o significado de: “usado pelo tempo”?

Velho, desgastado.

8. Os fatos se passam em uma época distante ou em uma época mais recente? Justifique com elementos do texto:

Os fatos se passam em uma época distante, pois o homem que narra a história tem um criado, e a linguagem do texto revela uma época distante no passado.

9. Releia os trechos abaixo, observando o uso dos tempos verbais em destaque e coloque (V) para verdadeiro e (F) para falso.

(a) **Parecia** abandonado [...] Tudo **estava** arrumado, limpo, suntuosamente mobiliado. Escolhemos um dos aposentos menores e decorado com mais modéstia. **Situava-se** numa torre larga e mais baixa, afastada dos demais aposentos. Esta peça, embora mais simples, ainda assim **era** ricamente decorada. (parágrafo 3)

(b) **Li** longamente. **Li** muito. E **contemplei** todos eles devotamente, com toda a atenção. As horas voaram e eu não **senti**. (parágrafo 7)

(V) No trecho (a) os verbos destacados estão no pretérito imperfeito e no (b) no pretérito perfeito.

(F) Nos dois trechos os verbos destacados estão no pretérito imperfeito.

(V) O uso do pretérito imperfeito nesse trecho mostra que o narrador está descrevendo como era o interior do castelo.

(V) O uso do pretérito imperfeito dá um ar de mistério, de suspense a história que está sendo contada.

(V) O uso do pretérito perfeito indica uma ação concluída, acabada no passado.

(V) A escolha do uso adequado dos tempos verbais é importante para narrar uma história.

10. O que o levou o narrador-personagem a ficar acordado até tarde pesquisando sobre os quadros, mesmo estando ferido?

O homem ficou fascinado, entusiasmado com as obras de arte e o ambiente do local a ponto e mesmo ferido ficar acordado pesquisando sobre as obras de arte.

11. Releia o trecho: “As horas voaram e eu não senti. Afinal, meia-noite, a profunda meia-noite chegou, sem que eu visse.”

a) Por que o narrador-personagem não percebeu as horas passarem?

Porque o homem ficou muito concentrado na leitura e contemplação dos quadros e da descrição de cada obra de arte que encontrou ali.

b) Qual seria o sentido da expressão: “a profunda meia-noite”?

Meia-noite era considerada muito tarde da noite. No conto essa hora está ligada ao clima de mistério.

c) Foi intencional o uso do termo “meia-noite” no conto? Por quê?

Sim. Porque no conto, à meia noite, o homem descobre o retrato oval e começa a narração da história da personagem do retrato.

Significa que ele havia conseguido retratar o rosto da mulher com perfeição.

19. Por que o retrato ficou tão perfeito?

() Porque a jovem modelo era linda.

(x) *Porque a vida da jovem foi transferida para a tela.*

() Porque o artista era muito talentoso.

20. Após ter lido o texto completo, conclua: quais temáticas são abordadas nesse conto?

() a beleza e a arte.

(x) *o amor e a morte.*

() a riqueza e o amor

21. De modo geral, como você classificaria esse texto?

() um conto de terror, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)

(x) *um conto de mistério, com predomínio da narração de ações de personagens.*

() um conto de mistério, com predomínio de opiniões do narrador

() um conto de aventura, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)

22. Qual é o mistério maior desse conto?

O retrato oval, pois parece que a jovem retratada nele está viva.

Professor, assim que os alunos finalizarem as atividades de leitura dessa oficina acesse o *link* <https://www.youtube.com/watch?v=yj0yHn0bccl> e assistam juntos o vídeo adaptado do conto “O retrato oval”.

O vídeo tem menos de 6 minutos. Assim que terminar a reprodução, reserve um tempinho para que os alunos possam fazer observações sobre as representações da leitura, como imaginaram o cenário, as personagens, etc., fazendo comparações com o apresentado no vídeo que assistiram. Aproveite para fazer uma verificação com eles, por meio do compartilhamento das respostas feitas oralmente.

Dessa forma, tendo trabalhado com o texto escrito e assistido ao vídeo do conto “O retrato oval” e feitas as observações, é necessário levar os alunos a reconhecer e sintetizar as características específicas do gênero conto de mistério, sobretudo, que sejam capazes de perceber que todos os elementos e recursos são escolhidos e utilizados em função da construção do mistério.

Para atingir tal objetivo, sugerimos uma roda de conversa, orientada por você, professor, de forma que possa abordar os elementos que compõem o conto de mistério e suas especificidades.

Professor, fazendo uma retomada sobre o gênero conto de mistério, você pode utilizar as frases-chave (a seguir) para que os alunos completem com a partir

do que aprenderam até este momento do projeto e, assim, possam organizar, sintetizar e fixar melhor esses conhecimentos.

Atividade oral de fixação

O narrador é aquele que... e pode ser... *(conta a história/ narrador-observador ou narrador-personagem).*

O papel das personagens no conto de mistério é... *(dar vida à história por meio de suas ações)*

Quanto ao espaço, uma história de mistério pode acontecer em um/uma... *(um castelo, uma casa abandonada, cemitério, etc.)*

O tempo em um conto mostra... *(a duração das ações; instaura marcos temporais;)*

Com relação ao tempo, geralmente em um conto de mistério os fatos sinistros se passam... *(à noite, de madrugada)*

Os tempos verbais predominantes nos contos de mistério são... *(o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito).*

O pretérito perfeito serve para... *(narrar um acontecimento passado, acabado, marcado na linha do tempo)* e o imperfeito serve para... *(narrar uma ação contínua, o prolongamento das ações narradas ou das sensações provocadas por essas ações, insinuando algo misterioso.)*

Professor, o quadro abaixo contém informações que poderão lhe servir de apoio para esse momento:

Revisando os elementos e recursos do conto de mistério

O narrador de um conto pode ser aquele que narra a história e também participa dela como personagem: narrador-personagem. Ou pode ser aquele que narra a história, mas não participa dela: narrador-observador.

As personagens movimentam a história, são elas dão vida aos contos, por meio de suas ações. De forma geral os contos trazem poucas personagens, no conto de mistério, são peças fundamentais para a construção do mistério, pois ora um personagem pode representar o mistério de uma história, ou podem instigar o leitor a perceber os acontecimentos sinistros, sobrenaturais a partir de sua percepção.

O espaço onde se desenvolve a história em um conto de mistério geralmente é definido, sugere algo sinistro, e está interligado ao tema do misterioso ou sobrenatural. Uma história de mistério pode acontecer em um quarto, ou casa abandonada, em um cemitério ou em uma floresta, numa rua deserta, entre outros lugares.

O tempo em um conto está relacionado a duração das ações, a sequência temporal dos acontecimentos. Pode ser expresso por marcadores temporais como: Naquela noite/ Já era meia-noite/Três dias se passaram... O tempo no conto de mistério acompanha os acontecimentos e trabalha em favor de gerar o mistério, de forma que é muito comum fatos sinistros acontecerem nessas narrativas a meia-noite, as três da madrugada, em uma noite escura e chuvosa.

O enredo é a trama da história. Os contos de mistério podem tratar de muitos temas e às vezes, aborda coisas aparentemente muito simples e fatos do cotidiano, mas com uma boa dose de mistério e suspense, construído aproveitando muito bem todos os seus elementos e outros recursos.

Recursos linguísticos-discursivos: Para contar uma história de mistério, o autor faz escolhas e utiliza recursos para construir o clima de mistério, e sugerir o sinistro, o sobrenatural, ou seja, que descrevam ambientes, personagens, acontecimentos e todo e qualquer aspecto que seja importante para construir a história. Nos contos de mistério, são usados como recursos da língua por exemplo:

- sinais de pontuação para evidenciar o discurso, as impressões, os diálogos.
- as escolhas lexicais, ou seja, os vocabulários que possam sugerir coisas misteriosas.
- os tempos verbais predominantes são o pretérito perfeito e o imperfeito, e também o mais-que-perfeito, localizando o leitor no tempo dos acontecimentos da narrativa, descrevendo as ações de forma a acrescentar um ar de mistério e de suspense.

Professor, nesse momento, a intenção é trabalhar com a oralidade e motivar os alunos a falarem. Ressaltamos a importância de que eles construam suas próprias conclusões, e para isso é preciso ouvir o que eles têm a dizer, e se necessário, intervir e ampliar suas ideias.

Com base nas conclusões da turma e com suas intervenções e ajustes, registre no quadro ou em um painel grande as informações principais sobre a construção dos contos de mistério, em forma de tópicos.

Essa etapa é importante, pois a partir dela os alunos construirão uma síntese de tudo o que foi trabalhado nas oficinas e poderão registrar no caderno seus conhecimentos.

Professor, caso você faça opção de registrar a síntese no painel, ele deverá ser preparado com antecedência, levado para a sala e colocado na parede antes dessa aula.

Para concluir as atividades das oficinas, sugerimos que encaminhe a proposta: **“Construindo meu cenário de mistério”**. Essa atividade deve ser realizada logo após as discussões da atividade de oralidade e do registro das conclusões a que os alunos chegaram sobre a construção de um conto de mistério. A proposta é simples, porém, significativa, (veja atividade no caderno do aluno). Os alunos deverão escolher entre as opções a que melhor se adequa a produção de um conto de mistério. Essa atividade servirá também para preparar a turma para o momento do fechamento do projeto, que extrapolando a SLG, traz uma proposta de produção de texto, escrita, em duplas.

Explique aos alunos a atividade, peça que eles assinalem as opções que considerarem mais adequadas para a construção de um cenário de mistério. Assim passamos para a etapa do diagnóstico final.

6.5- Diagnóstico final de leitura



Conto "A morte vista de perto"

Objetivos: Verificar as capacidades leitoras dos alunos com relação ao gênero conto de mistério. Verificar as capacidades desenvolvidas nos alunos sobre o processo de leitura dos textos apresentados e propostos nas oficinas bem como no diagnóstico inicial.



Professor, estamos quase finalizando o projeto “**Que mistério é esse?**”. Essa etapa é destinada ao diagnóstico final. Para essa leitura diagnóstica, estamos propondo o texto “A morte vista de perto”, de Fernando Sabino.

Fernando Tavares Sabino (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1923 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004). Cronista, romancista, contista e editor. Assim como muitos poetas brasileiros, ele também foi um escritor precoce publicando, adolescente, o seu primeiro conto policial na revista Argus. Estimulado pela família e com muito empenho pessoal, Fernando Sabino ganha inúmeros concursos de crônicas e contos, com destaque para o concurso da revista Boa Nova que tinha em sua banca julgadora o também escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade. Muito dedicado, não demorou para que o escritor contribuísse com textos para grandes revistas e jornais. Aos 15 anos era colaborador da

revista Mensagem e editor do jornal Folha de Minas e também escrevia para a revista Clima (SP), dirigida pelo grande crítico literário Antonio Cândido.

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1617/fernando-sabino>. Acesso em: 20 jan. 2020.

O texto selecionado para essa leitura é rico em recursos linguísticos, no entanto, por ser uma etapa diagnóstica, é preciso tomar cuidado de não explorar conteúdos que não foram trabalhados no decorrer das oficinas.

"A morte vista de perto"



1. Foi em Londres. Eu vinha de uma reunião em que tivera a notícia da morte de um amigo no Rio.
2. Voltava de carro para casa e era tarde da noite. Uma noite escura, chuvosa, permeada de neblina dessas noites londrinas que impregnam nossa alma de tédio e abatimento. É o sentimento a que os ingleses chamam de spleen, e que não tem correspondente na língua portuguesa. Em noites assim, a nossa realidade interior se mistura à atmosfera que o fog torna ainda mais densa, apagando os contornos da vida. O silêncio ao redor de nós como que se materializa. Os movimentos se fazem em câmera lenta, de peixes no mundo das águas. Ectoplasmas de nós mesmos, flutuando no ar integrados a eternidade do nada.
3. Nesse espírito é que eu voltava para casa pelas ruas desertas, pensando na morte do amigo e na morte em si, com a certeza de sua existência inexorável.
4. Extravagante foi a sensação que me veio então: a de que a morte existia, não apenas como o fim para todos nós, sem exceção, mas como alguma coisa concreta, visível, corporificada em alguém com quem eu poderia me esbarrar a qualquer momento.
5. Naquele instante, ao voltar a cabeça, dei com ela a me olhar.
6. Eu havia parado no sinal vermelho e embora não houvesse na rua o menor movimento, esperava pacientemente que ele se abrisse, como exigem as regras inglesas do bom proceder. O que me chamou a atenção foi um táxi que acabara de se emparelhar ao meu carro, um pouco a rente, deixando-me lada a lado com o passageiro.
7. Era uma mulher.

8. Uma mulher já sem idade de tão velha, e ainda assim horrivelmente pintada, como um espantalho: tinha os lábios borrados de batom, duas rodela vermelhas nas faces murchas, as sobrancelhas pintadas, os olhos empastelados de rímel. Eu a olhava também, fascinado: mas o que era aquilo?
9. Foi quando ela, a dois palmos de mim, piscou um olho e franziu lascivamente os lábios numa careta, como uma simulação de beijo.
10. Aturdido, arranquei com o carro como se fugisse de um filme de terror de Alberto Cavalcanti na solidão da noite. Nem esperei mais que o sinal se abrisse – com isso me arriscava a ser detido logo adiante pelo policial que em Londres está sempre presente em cada esquina. Pouco importava; o que desejava era fugir dali, como de uma presença amaldiçoada. Que queria de mim aquela bruxa? Certamente não se oferecia como mulher, aquela múmia – condição que já se perdera para ela num passado sem memória. Quem era, senão a própria morte em que eu vinha pensando, materializada na forma decrépita de uma megera? Senti um frio na espinha ao ver, pelo espelhinho o táxi à minha retaguarda seguindo na mesma direção. Acelerei, para perdê-lo logo de vista.
11. Em pouco percebi, aliviado, que ganhava distância e ele desaparecia na cerração.
12. Eu morava numa rua meio remota, ao norte de Londres, e à noite o lúgubre caminho para minha casa passava até por um velho cemitério no pátio de uma igreja. Ao chegar, fui direto para o quarto no segundo andar, disposto a espantar de mim a lembrança daquela visão.
13. Só quando me preparava para dormir, lembrei que não havia apagado a luz da sala, lá embaixo. Desci de pijama, e fui até a janela para fechar a cortina.
14. Fiquei só na intenção. Ao olhar para fora, vi, em meio à neblina, parado na rua molhada, em frente da casa, o táxi negro de pouco antes, com a velha debruçada contra o vidro, a boca arreganhada num sorriso, para mim.
15. Então subi correndo e me tranquei no quarto, para tentar dormir e na manhã seguinte pensar que fora apenas um sonho.

Fonte: SABINO, Fernando. **As melhores histórias de Fernando Sabino**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010.

Forneça aos alunos o **Dispositivo Didático G**. Os alunos devem fazer uma leitura silenciosa e individual do texto e, em seguida, responder, por escrito, às questões propostas. Recolha a atividade após o término, para a análise diagnóstica das capacidades leitoras que foram desenvolvidas por meio e durante o trabalho realizado nas oficinas.

Após ler e examinar cuidadosamente as respostas dos alunos, é preciso retomar alguns pontos considerados centrais, especialmente com relação à construção do gênero conto de mistério, ao processo de leitura realizado pelos alunos, considerando as respostas nos níveis: textual, inferencial e interpretativa. Sugerimos uma roda de conversa, onde o professor possa esclarecer para e com seus alunos os pontos que considerar necessário, a partir das respostas dadas por eles. Lembre-se de que optamos pela **avaliação formativa**, isto significa que esse

diagnóstico não é um produto apenas para atribuir notas ou simplesmente para avaliar os alunos, mas é uma etapa do processo de aprendizagem por meio da SLG.

De acordo com Batista *et al* (2007 *apud* GONÇALVES; NASCIMENTO, 2010) a avaliação formativa ou continuada tem função "diagnóstica, processual, descritiva e qualitativa", pois indica níveis já alcançados pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem e as estratégias de intervenção necessárias a futuros avanços. Trata-se de um feedback reflexivo sobre o percurso da aprendizagem do estudante, de forma que permite ao professor elaborar diversas estratégias de ensino e avaliação, rever, reelaborar e aplicar em sala de aula, de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos. Portanto, a avaliação formativa não se limita a hierarquizar as respostas das questões de compreensão do texto ou produção escrita dos alunos numa escala de notas de zero a dez. Ao contrário, "a avaliação formativa julga procedimentos, conhecimentos e atitudes do aluno para verificar conhecimentos, competências e habilidades" (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2010, p. 244).

Fonte: GONÇALVES, Adair Vieira; NASCIMENTO, Elvira Lopes. Avaliação formativa: autorregulação e controle da textualização. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 49, n. 1, p. 241–257, 2010. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100016. Acesso em: 27 ago. 2020.

Gabarito dispositivo didático 6

1) O narrador é também personagem ou um narrador observador:

O narrador é também personagem da história.

2) Onde e quando se passa a história narrada nesse conto?

A história se passa em Londres, em uma noite fria.

3) Como o narrador descreve a noite londrina?

Ele descreve a noite como escura, chuvosa e com neblina.

4) O que impregnava tédio e abatimento na alma, segundo o narrador personagem era:

() a morte do seu amigo.

(x) a noite londrina (de Londres)

() a mulher no táxi.

5) Releia o trecho do parágrafo 2 do texto: "Uma noite escura, chuvosa, permeada de neblina dessas noites londrinhas que impregnam nossa alma de tédio e abatimento. (...) Em noites assim, a nossa realidade interior se mistura à atmosfera que o fog torna ainda mais densa, apagando os contornos da vida. O silêncio ao redor de nós como que se materializa."

a) Assinale a alternativa que corresponde à intenção do autor ao escrever esse trecho:

() Descrever como são as noites de Londres.

(x) Descrever aquela noite em que soube da morte de seu amigo, sugerindo uma imagem que expressasse tanto o clima frio e chuvoso daquela noite quanto a sensação de abatimento e de solidão.

b) A linguagem metafórica que o autor usou nesse trecho é importante no conto de mistério? Por quê?

Sim. A linguagem metafórica é importante no conto de mistério porque é mais sugestiva e ajuda a criar o clima de mistério.

6) Por que o narrador-personagem começa a pensar na morte e qual seria a relação da morte com o cenário que ele descreve?

Porque havia recebido a notícia da morte de seu amigo, e estava voltando sozinho pra casa em uma noite fria, escura e chuvosa, cheia de neblina.

7) Qual sensação o personagem narrador começa a ter sobre a morte?

Ele começa a ter a sensação de que a morte existia como uma pessoa e que poderia aparecer a qualquer momento em sua frente.

8) Releia o trecho (parágrafo 5) “Naquele instante, ao voltar a cabeça, dei com **ela** a me olhar”. O pronome em destaque se refere

à mulher do táxi.

à morte.

à noite londrina.

9) Observe nos parágrafos 8, 9 e 10 como o personagem narrador se refere à mulher do táxi. Assinale as opções que a fazem parecer algo sobrenatural:

Uma múmia.

Muito velha.

Uma bruxa.

presença amaldiçoada.

com a cara horrivelmente pintada.

Aquilo.

10) No trecho (parágrafo 8): “Uma mulher já sem idade de tão velha, e ainda assim horrivelmente pintada, **como um espantalho**: tinha os lábios borrados de batom, duas rodela vermelhas nas faces murchas, as sobrancelhas pintadas...”

a) O uso dos dois-pontos indica:

a fala de um personagem.

uma enumeração de fatos.

uma explicação sobre o que foi dito anteriormente.

b) O que o narrador-personagem pensou sobre a mulher?

Ele pensou que a mulher no táxi era a própria morte em pessoa.

11) Como era o caminho para chegar até a casa do personagem narrador? Qual a intenção do autor ao descrever esse cenário?

O caminho de casa era macabro, sinistro. Tinha que passar por um cemitério no pátio de uma igreja. Acrescentar um ar de suspense e mistério ao conto.

12) Assinale os elementos abaixo que estão relacionadas ao mistério nessa narrativa:

A morte do amigo do narrador.

A noite fria, escura e chuvosa.

A atmosfera de abatimento.

A rua deserta e coberta de neblina.

O pensamento do personagem narrador sobre a morte.

A mulher no táxi.

O sinal vermelho.

O táxi negro.

A casa do personagem narrador.

A descrição do caminho até a casa do personagem narrador.

13) Sobre a construção do mistério nesse conto, é correto afirmar que:

O autor usou todos os recursos para construir o mistério: o tempo, a descrição detalhada do ambiente, das impressões do narrador personagem, das ações das personagens.

O mistério foi construído apenas pelas ações das personagens.

O mistério foi construído apenas pela descrição do ambiente e das ações.

() O autor usou o tempo e o espaço ou ambiente para construir o mistério desse conto.

14) O trecho (parágrafo 14): “Fiquei só na intenção” refere-se a que fato, intenção de quê? Assinale a opção correta:

() De apagar a luz da sala.

(x) De fechar a cortina.

() De olhar para fora.

15) Releia o finalzinho do conto (parágrafos 14 e 15):

“Ao olhar para fora, vi, em meio à neblina, parado na rua molhada, em frente da casa, o táxi negro de pouco antes, com a velha debruçada contra o vidro, a boca arreganhada num sorriso, para mim. Então subi correndo e me tranquei no quarto, para tentar dormir e na manhã seguinte pensar que fora apenas um sonho.”

a) Por que o personagem narrador se trancou no quarto ao chegar em casa? Como ele estava se sentindo?

R: Porque viu em frente sua casa o táxi negro com a mulher sinistra. Ele estava se sentindo apavorado.

16) Escreva um resumo do que aconteceu em cada momento desse conto:

Situação inicial: O narrador personagem soube da morte de um amigo e estava voltando para casa tarde da noite.

Momento de início da tensão/mistério: Ele começa a pensar na morte como uma pessoa, quando vê dentro de um táxi ao lado de seu carro uma mulher que ele descreve como a própria morte.

Fase da resolução da tensão: Nesse conto não há resolução da tensão/do mistério.

Conclusão: O narrador chega em casa, sobe correndo pro seu quarto e vai dormir para esquecer o que viu.

17) Qual o mistério desse conto?

A mulher do taxi aparecer bem na hora que o homem estava pensando que a morte poderia aparecer para ele como uma pessoa.

18) Por que o autor deu esse título para o conto: “A morte vista de perto”?

Porque o narrador acredita ter visto a morte na forma da mulher do táxi. Porque acredita que a mulher do táxi era a própria morte em pessoa.

19) Que explicação você daria para o mistério da mulher do táxi? Assinale uma alternativa e em seguida justifique sua resposta:

() a mulher era a personificação da morte. (a morte em pessoa)

(x) tudo foi um delírio de alguém que foi surpreendido com a notícia da morte de um amigo e ficou abalado emocionalmente .

() Foi tudo um sonho do narrador.

() Outra opção.....

20) O mistério desse conto foi desvendado? Explique:

Não. Pois o conto não revela quem ou o que era a mulher do táxi.

21) De modo geral, como você classificaria esse texto?

() um conto de terror, com predomínio de descrições (do espaço, ações, etc.)

(x) um conto de mistério, com predomínio da narração de ações de personagens.

() um conto de mistério, com predomínio de opiniões do narrador

() um conto de aventura, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)

Professor, é fundamental dar um retorno aos alunos. Portanto, após verificação das respostas do diagnóstico, reserve um momento para retomar as questões, de acordo com a intenção de cada questão, das respostas dadas e dos pontos que você perceber que é necessário após essa leitura diagnóstica. Esse *feedback* é importante para que os alunos percebam quais conhecimentos foram construídos e como construíram esses conhecimentos, ou quais pontos ainda deveriam ser retomados.

Vale lembrar que uma SLG não é uma proposta engessada, mas um projeto no qual vamos trabalhando a partir de objetivos traçados. A própria realidade na qual estamos implementando as ações vai aos mostrando as necessidades, fragilidades e direcionando nosso trabalho.

Encerradas as oficinas e o diagnóstico final, vamos para o “**Fechamento do projeto.**”

7- Fechamento do projeto: "Que mistério é esse?"



Objetivos: Produzir textos de mistério em duplas. Apresentar oralmente as histórias produzidas.



Professor, finalizando o projeto “Que mistério é esse?”, propomos uma dinâmica de fechamento do projeto com os alunos, uma atividade que extrapola o projeto de leitura.

Para esse fechamento, sugerimos uma produção escrita de contos de mistério, feita em duplas, a partir de figuras e imagens que representem espaços e personagens que possam compor uma narrativa de mistério. Embora o foco do nosso projeto seja a leitura, entendemos que todo conhecimento construído sobre leitura e interpretação de contos de mistério pode culminar numa produção para mostrar a criatividade e capacidade de expressar, de expor esses conhecimentos que construíram ao longo do projeto.

Acreditamos que a última atividade realizada antes do diagnóstico final servirá como norte para suas escolhas na construção da história de mistério.

Para essa atividade será preciso:

- 👤 preparar envelopes com figuras relacionadas aos contos de mistério;
- 👤 organizar a turma em duplas;
- 👤 explicar a proposta aos alunos bem como o objetivo da atividade;
- 👤 distribuir os envelopes com as figuras;
- 👤 distribuir papel sulfite para as duplas;

 ao término das produções textuais, recolher os textos e montar uma coletânea com os contos de mistério produzidos pelos alunos.

Professor, faça uma capa para a coletânea com o título do projeto, com ilustrações sobre os temas dos textos, e não se esqueça de incluir os nomes dos alunos-autores.

Proponha a seus alunos decorar a sala com temas relacionados aos contos de mistério e apresentar oralmente os contos produzidos. Escolha uma turma da escola para que seus alunos façam a apresentação dos contos produzidos por eles.

Sugerimos que as produções dos alunos passem, pelo menos, por um processo de revisão e reescrita textual: correção do professor, autoavaliação, revisão pelos pares ou revisão coletiva/colaborativa.

Segundo Menegassi (2016) a escrita é um processo que envolve diferentes etapas: o planejamento das ideias, a execução da produção, a revisão, a reescrita e a avaliação. Nesse processo o professor cumpre o papel de mediador, assim deve orientar os alunos no que diz respeito à finalidade, ao gênero, a linguagem e ao discurso em sua produção textual. No decorrer do trabalho com produção textual a revisão e a reescrita são consideradas etapas importantes desse processo. Para Menegassi (2016) a reescrita surge a partir da revisão. Compreende a etapa em que os alunos realizam um trabalho reflexivo com seu texto para reconstruí-lo a partir da análise dos aspectos relacionados ao conteúdo e ao discurso.

Professor, lembramos que a produção textual não é o foco dessa SLG, porém a atividade proposta é importante, pois compõe a etapa do fechamento do projeto. Sugerimos uma coletânea para ser exposta na biblioteca da escola, mas você pode dar outra destinação à coletânea: como presente para os pais dos alunos ou uma publicação digital, por meio de um *e-book* que seria disponibilizado para a comunidade escolar. O importante é que a produção dos alunos não seja apenas uma ferramenta de avaliação escolar.

Comando da produção escrita do conto de mistério

Abram o envelope e peguem todas as figuras que estão nele. Vocês devem escolher entre as figuras, os personagens, o espaço e o tema do conto de mistério que irão produzir. Em seguida, podem colar as figuras formando uma ilustração do texto. Não esqueçam de colocar seus nomes como autores do texto, pois o texto de vocês fará parte de uma coletânea de contos de mistério, que ficará exposta na biblioteca da escola.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. A metodologia das sequências didáticas de gêneros sob a perspectiva do conceito interacionista de ZPD. *In*: BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderleia da Silva. (orgs.). **Literatura e Língua Portuguesa na educação básica: ensino e mediações formativas**. Campinas: Pontes, 2020. p. 127-144.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; CORDEIRO, Glaís Sales. A validação da metodologia das sequências didáticas de gênero sob a perspectiva do gesto didático de ativação da memória das aprendizagens. *In*: BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; CORDEIRO, Glaís Sales; GONÇALVES, Adair Vieira. (orgs.). **Gestos didáticos para ensinar a Língua: agir docente e gêneros textuais**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2017. p. 217-249.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria Lucia Meirelles Matencio. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2006.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHENEUWLY, Bernard. Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHENEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e expressão em progressão oral e escrita: Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004a. p. 41-70.
- GONÇALVES, Adair Vieira; NASCIMENTO, Elvira Lopes. Avaliação formativa: autorregulação e controle da textualização. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 49, n. 1, p. 241–257, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010318132010000100016> Acesso em: 27 de Ago. de 2020.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- MENEGASSI, Renilson José. Estratégias de leitura. *In*: MENEGASSI, Renilson José (org.). **Leitura e ensino**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010. p. 41 - 59.
- MENEGASSI, Renilson José. A escrita como trabalho na sala de aula. *In*: JORDÃO, Clarissa Menezes. **A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes, 2016. p. 193-230.
- MUNIZ, Flávia. Recado de fantasma. *In*: Contos para crianças e adolescentes. **Revista Especial**, v. 1, p. 13, ilustrado por Rogério Nunes, São Paulo, 2011.

NIELS, Karla Menezes Lopes. Fantástico à brasileira: O gênero fantástico no Brasil. *In: V Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras*, n. 1, 2014, Niterói/RJ. **Anais [...]**. Niterói: UFF, 2014, p. 182-196. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VSAPPIL-Lit/article/view/201/107>. Acesso em: 08 maio 2020.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. Tradução e Adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PROVA PARANÁ testará nível dos alunos do estado. Paraná, 07 mar. 2019. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/politica/prova-parana-testara-nivel-dos-alunos-ensino-fundamental-medio/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SABINO, Fernando. **As melhores histórias de Fernando Sabino**. Rio de Janeiro: Best bolso, 2010.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. *In: SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. (orgs.). Literatura na Escola - Propostas para o Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. **Histórias de mistério**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SLG de contos de mistério



CADERNO DO ALUNO



Com os dispositivos didáticos

Dispositivo Didático A
QUIZ sobre contos de mistério

Aluno:

.....

Responda as questões a seguir:

1. Você gosta de histórias de mistério?

sim

não

2. Você conhece algum conto de mistério?

sim

não

3. Assinale todas as palavras que você considera que podem estar relacionadas com um conto de mistério:

fantasma

morte

dúvida, hesitação

escuridão

medo

explicação científica

suspense

imaginação

fenômeno natural

silêncio

sinistro

fenômeno sobrenatural

4. Com relação aos elementos da narrativa, assinale as opções que você acredita que fazem parte de um conto de mistério.

lugares ou espaços sinistros.

lugares ou espaços alegres.

lugares bonitos e espaçosos.

personagens comuns.

personagens sinistros.

personagens sobrenaturais.

fatos corriqueiros, do dia a dia.

acontecimentos estranhos e sem explicação.

noites frias e/ou chuvosas.

dia de sol.

5. Faça um desenho que represente um cenário ou personagem que você acha que tem a ver com um conto de mistério:



Dispositivo Didático B
Leitura Diagnóstica – Conto “Recado de fantasma”

Aluno:.....

Leia o texto a seguir, de forma silenciosa. Caso ache necessário, leia mais de uma vez. Em seguida, responda, por escrito, o questionário a seguir.

“Recado de fantasma”
(Flavia Muniz)

1 Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa. Era um antigo sobrado, com uma grande varanda envidraçada e um jardim. Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso, como aquele, que nem dei atenção aos comentários dos vizinhos, com quem fui fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá nas sextas-feiras.

2 – Deve ser coisa de fantasma! Falavam

3 – Se existe, nunca vi! E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

4 Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais haviam saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis. Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco de elas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que pude gritar e sair correndo escada abaixo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo que tudo não passava de imaginação, mas eu insisti e implorei que ela viesse até o quarto comigo. Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!

5 No dia seguinte, fui até a biblioteca pesquisar o tema. Eu e Beth encontramos dúzias de livros que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E uma das explicações para fatos assim, é que talvez o “fantasma” esteja nos dando um recado.

6 Hoje minha casa tem o jardim mais florido da rua. Centenas de lindas margaridas brancas florescem a maior parte do ano. O fantasma? Nunca mais vi. Decerto passeia feliz pelo jardim, nas noites de lua cheia.

Fonte: MUNIZ, Flávia. **Revista especial:** Contos para crianças e adolescentes. São Paulo, v.1, p. 13. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7421/recado-de-fantasma>. Acesso em: 07 maio 2020.

1) O narrador do conto é um personagem ou um narrador observador? Reproduza um trecho do texto que comprove sua resposta.

.....
.....

2) Quem é o personagem principal dessa história? Em sua opinião, é uma pessoa adulta, criança ou adolescente? Homem ou mulher? Justifique sua resposta.

.....

3) Releia o início do conto: “Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa”.

a) Esse “tudo”, um pronome indefinido, refere-se a que na história?

b) Em “Nos mudamos”, a quem se refere o pronome “nos”?

4) Releia o primeiro parágrafo. Podemos observar o uso de três pronomes indefinidos: tudo, alguns, alguém. Sabendo que “Os pronomes indefinidos se referem a seres de maneira vaga, indefinida”, qual é a intenção do narrador do texto ao usar esses pronomes no início da narrativa? E qual é o efeito de sentido do uso desses pronomes na construção do texto?

5) Considerando que os adjetivos servem para atribuir qualidades, caracterizar os seres, os espaços, personagens em uma narrativa, localize no texto que características recebem as palavras a seguir e complete o quadro:

Casa	Fatos
Casas	Ar
Varanda	Algo
Sobrado	Lua

6) Qual seria a intenção do narrador ao usar esses adjetivos?

7) Observe o trecho “**Eles** diziam que a casa era mal-assombrada” do 1º parágrafo.

a) Na situação inicial da história, o narrador acreditava que a casa era mal-assombrada?

() sim () não

c) Localize no texto uma frase que comprove sua resposta:

8) Releia o trecho: “E então **contava a eles** que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura” (3º parágrafo). Esse trecho corresponde:

() a uma justificativa científica do fenômeno contada pelo narrador a seu pai.

() a uma justificativa mística do fenômeno contada pelo narrador a seus vizinhos.

() a uma justificativa científica do fenômeno contada pelo narrador a seus vizinhos.

() a uma justificativa mística do fenômeno contada pelo narrador a seu pai.

9) Releia o início do 4º parágrafo: “**Certa noite, três anos atrás**, aconteceu algo impressionante”.

a) A expressão em destaque marca um acontecimento importante na linha do tempo da narrativa. Esse tempo é marcado com relação

() ao momento em que o narrador conta a história.

- () ao momento em que a família muda para o antigo sobrado.
 () a esse momento, agora, em que você está lendo o conto.

b) A que fato se refere o narrador, quando afirma que aconteceu **algo** impressionante?

.....

c) O que significa o termo “impressionante” para o narrador?

.....

10) Releia o trecho: “Depois do jantar, **fui** para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis. **Faltava** um quarto para a meia-noite. Eu **andava** à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando **senti** um ar gelado bem perto de mim”.

a) Os termos em destaque são formas verbais nos tempos:

- () presente e pretérito perfeito.
 () pretérito perfeito e pretérito imperfeito.
 () pretérito perfeito e futuro.

b) Qual a função desses tempos verbais nesse trecho da narrativa?

.....

.....

11) Releia o fragmento abaixo: “Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!” (4º parágrafo).

a) Identifique a opinião do narrador sobre o fato narrado:

.....

b) O ponto de exclamação no final desse trecho foi usado para:

- () expressar medo.
 () expressar surpresa.
 () expressar dúvida.
 () reforçar o que ele estava falando.

c) A opinião do narrador é importante nesse trecho? Por quê?

.....

12) Releia o trecho: “Eu e Beth encontramos dúzias de **livros** que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E uma das explicações para fatos assim, é que talvez o ‘fantasma’ esteja nos dando um recado” (5º parágrafo).

a) De que tipo seriam, supostamente, esses livros?

- () livros científicos.
 () livros de contos de fada.
 () livros de espiritismo.
 () livros de histórias de aventuras.

b) O protagonista aceitou alguma das explicações que encontrou no livro? Justifique sua resposta com trechos do texto.

.....

13) De modo geral, como você classificaria esse texto?

- um conto de terror, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)
- um conto de mistério, com predomínio da narração de ações de personagens.
- um conto de mistério, com predomínio de opiniões do narrador
- um conto de aventura, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)

14) Os contos são textos construídos a partir de acontecimentos narrados, com sucessão de ações em um tempo passado. Identifique nesse conto as fases abaixo:

a) Situação inicial da narrativa:

b) Momento de início da tensão/mistério:

c) Fase da resolução da tensão:

d) Conclusão:

15) Reflita sobre a história lida.

a) Assinale a alternativa correta:

- O narrador, no início da história, acreditava em fantasmas, mas deixa de acreditar, no final da narrativa
- O narrador, no início da história, não acreditava em fantasmas, mas passa a acreditar, no final da narrativa
- O conto não dá indícios que o narrador acreditou em fantasmas em algum momento da narrativa
- O narrador sempre acreditou em fantasmas

b) Justifique sua resposta.

.....

16) O conto fala sobre o quê? Se tivesse que apontar o tema principal, qual seria?

.....

17) O título do conto é “Recado de fantasma”. Qual seria o Recado que o fantasma queria passar para o narrador?

.....

18) Você já morou em uma casa com fama de mal assombrada?

.....

Dispositivo Didático C
“As formigas” (primeira parte)

Aluno(a):.....

Leia o texto a seguir, de forma silenciosa. Caso ache necessário, leia mais de uma vez. Em seguida, responda, por escrito, o questionário a seguir.

“As formigas”
(Lygia Fagundes Telles)

1. Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.
2. – É sinistro.
3. Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.
4. – Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.
5. A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.
6. – É você que estuda medicina? – perguntou soprando a fumaça na minha direção.
7. – Estudo direito. Medicina é ela.
8. A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.
9. Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.
10. Minha prima voltou-se:
11. – Um caixote de ossos?
12. A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.
13. – Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?
14. – Ele disse que eram de adulto. De um anão.
15. – De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro a beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!
16. – Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa

térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

17. Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

18. Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

19. – Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

20. Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

21. – De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. – Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

22. – É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

23. No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! Mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

24. – Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

25. – Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

26. Levantei e dei com “As formigas” pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

27. – São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

28. – Só de ida.

29. Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

30. – Está debaixo dela – disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. – Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

31. – Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

32. – Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

33. Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

34. – Esquisito. Muito esquisito.

35. – O quê?

36- Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

Glossário

Aduca: Em forma de gancho ou garra, curva.
 Creolina: mistura de substâncias denominadas cresóis.
 Desatarraxar: desparafusar
 Grassmann: Marcelo Grassmann, gravador, ilustrador e desenhista brasileiro (1925-2013)
 Graúna: pássaro preto
 GRAVURA: técnica artística para produzir imagens, desenhos.
 Omoplatas: ossos que formam a parte traseira do ombro.
 TIBIA: o mais grosso dos dois ossos da perna.

Atividades de leitura

Parte 1:

1) Quem narra essa história é um

() narrador-personagem.

() narrador-observador.

2) Quem são as personagens principais dessa história?

.....

b) Que informações podemos encontrar no texto sobre essas personagens? Monte um perfil físico e outro psicológico de cada uma:

Personagem 1 (Quem? Ocupação?)	Personagem 2 (Quem? Ocupação?)
Estudante de direito	Estudante de medicina
Perfil físico	Perfil físico
Perfil psicológico	Perfil psicológico

3) Faça uma lista com os adjetivos utilizados para caracterizar a dona do sobrado:

.....

4) Com base na descrição da dona do sobrado, que imagem podemos criar sobre ela:

.....

5) Por que as jovens estudantes alugaram o velho sobrado?

.....

6) Observe como o narrador caracteriza o ambiente e todos os objetos que fazem parte dele.

a) Complete com elementos do texto:

.....sobrado
 janelas
 saleta.....
 Móveis.....
 escada.....
 Cheiro.....

b) O que esses elementos têm em comum?

.....

7) Responda com base nos parágrafos 1 e 2; 8 e 12: Como foi caracterizado o sobrado? E o quarto em que as universitárias ficaram?

a) Sobrado –

b) Quarto –

8) Você considera importante a descrição do espaço ou do ambiente em um conto de mistério? Porquê?

.....

9) Quais aspectos e fatos chamam a atenção das estudantes na primeira noite que passam no quarto alugado? Assinale:

- () a pouca luminosidade
 () o cheiro de bolor
 () “As formigas”
 () o caixotinho com ossos do anão.

10) A Que fato a estudante de medicina se refere quando diz: “esquisito, muito esquisito”?

.....

11) Considerando até o ponto que você leu, quais aspectos ou elementos desse conto chamaram a sua atenção e sugerem algo misterioso ou sinistro?

.....

12) Em sua opinião, há algo sobrenatural acontecendo no quarto do sótão ou haverá uma explicação científica para o sinistro? Porque?

.....

Dispositivo Didático D
“As formigas” (segunda parte)

Aluno(a):.....

37. – Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão.
38. Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.
39. Voltei a sonhar afluivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo em torno dos exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.
40. Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei:
41. – E “As formigas”?
42. – Até agora, nenhuma.
43. – Você varreu as mortas?
44. Ela ficou me olhando.
45. – Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?
46. – Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas então quem?!
47. Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.
48. – Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.
49. Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia flor de maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho que competia nas repetições com o sonho da prova oral: nele, eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.
50. – Elas voltaram.
51. – Quem?
52. – “As formigas”. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.
53. A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.
54. – E os ossos?

55. Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.
56. Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? Não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão ... estão se organizando.
57. – Como, organizando?
58. Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.
59. – Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e...Venha ver!
60. – Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?
61. Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas, desapareciam com a luz do dia.
62. Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.
63. – Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia – ela avisou.
64. O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.
65. – Estou com medo.
66. Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.
67. – Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?
68. Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.
69. – Voltaram – ela disse.
70. Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.
71. – Estão aí?
72. Ela falava num tom miúdo como se uma formiguinha falasse com sua voz.
73. – Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...
74. – Que foi? Fala depressa, o que foi?
75. Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.
76. – Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.
77. – Você está falando sério?
78. – Vamos embora, já arrumei as malas.

79. A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.
80. – Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?
81. – Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta.
82. – E para onde a gente vai?
83. – Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.
84. Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japonsa e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?
85. No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

Fonte: TELLES, Lygia Fagundes. **Histórias de mistério**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Atividades de leitura – parte 2

1) No trecho: No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura **delas**. Não vi **nenhuma**.” A que se referem os pronomes em destaque?

.....

2) Observe a fala da estudante de medicina (parágrafo 48): “Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo”. Que fenômenos a personagem acha muito esquisito?

.....

3) No trecho: “Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, **mas seria bolor**? Não me parecia um cheiro assim inocente” (...)

a) A parte destacada refere-se a uma fala ou a um pensamento da personagem?

b) Para quem ela faz essa pergunta (em destaque)?

() para si mesma

() para o leitor

() para a prima

c) O que você entende da fala da estudante: “Não me parecia um cheiro assim inocente”?

.....

4) Observe o trecho: “As formigas”. Só atacam de noite, antes da madrugada. ”

a) Se as formigas aparecessem no quarto durante o dia, o fato causaria o mesmo efeito que causou nas personagens? Por quê?

.....

5) Todo conto está amarrado as ações das personagens ou sucessão de acontecimentos numa sequência temporal.

a) Nesse conto o tempo é marcado cronologicamente? A história se passa em quantos dias, ou quantas horas? Explique com base no texto:

.....

b) b) Quais expressões nos indicam o tempo nessa história?

.....

6) No trecho: “No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda!”

O ponto de exclamação indica

() medo, pavor

() entusiasmo

() surpresa

7) Nos trechos a seguir, indique a única opção em que há uma opinião:

() Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

() Aí é que está o mistério.

() Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra?

8) Compare a última frase do conto com o primeiro parágrafo.

(Parágrafo 85) “Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.”

(Parágrafo 1) “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.”

a) Observe o que há em comum nos dois trechos. Qual seria a relação entre os dois?

.....

b) Em ambos os trechos foi usada a linguagem figurada (metafórica). Assinale a alternativa correta quanto a respectiva identificação desses recursos

() 1-comparação; 2-personificação.

() 1-personificação; 2-comparação.

b) Que sentidos esses recursos trazem ao texto?

.....

9) Você já viu que geralmente os contos são formados por momentos que constroem a narrativa. Identifique os momentos no conto lido e resuma cada momento em uma frase:

Situação inicial:

.....

Momento de início da tensão/mistério:

.....

Fase da resolução do problema:

Conclusão:

.....

10) Releia os dois últimos parágrafos do texto (84 e 85) e conclua: O mistério foi resolvido? Explique:

.....

11) Quais recursos marcam o mistério desse conto?

.....

.....

12) Por que o autor do conto deu o título “As formigas”? Que outro título você daria ao texto?

.....

.....

13) O que você entendeu do conto: “As formigas”? Faça um texto que resuma a história, mas também exponha como a narrativa foi construída. Para fazer essa atividade, volte às suas respostas.

Responda em seu caderno.

14) Você já vivenciou alguma situação sinistra ou misteriosa como essa do conto “As formigas”?

.....

Dispositivo Didático E: “Imagens metafóricas”

1) Comparem os trechos e respondam: qual dos trechos é mais expressivo? Qual sugere uma imagem mais criativa e um clima de suspense e mistério? Por quê?

1º. *“Era uma noite escura, estava ventando e parecia que ia chover. Não havia ninguém na estrada.”* (Adaptado do trecho 2)

2º. *“Noite escura no mato. Estrada de terra sem viva alma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.”* (Conto “Gaspar, eu caio”, de Ricardo Azevedo)

O trecho 2 é mais expressivo. Porque utiliza a figura de linguagem: personificação.

2) Siga as orientações do seu professor para fazer a atividade nº2.

3) Construam frases metafóricas que representem os elementos abaixo:

- a) uma bruxa
- b) uma casa abandonada na floresta
- c) uma noite escura assustadora

Dispositivo didático F: “O retrato oval”

1. O castelo surgira a nossa frente como uma tábua de salvação. Eu estava seriamente ferido e ameaçado de passar a noite ao relento. Por isso, meu criado não hesitara em forçar a entrada.
2. A construção sólida, imponente, misturava o grandioso ao sinistro.
3. Parecia abandonado, pois não aparecera ninguém à nossa chegada. Mas, se abandonado, o fora há pouco, ou talvez por pouco tempo. Tudo estava arrumado, limpo, suntuosamente mobiliado. Escolhemos um dos aposentos menores e decorado com mais modéstia. Situava-se numa torre larga e mais baixa, afastada dos demais aposentos. Esta peça, embora mais simples, ainda assim era ricamente decorada. Objetos antigos, preciosos, paredes recobertas de luxuosa tapeçaria. Tudo porém desbotado, usado pelo tempo. Escudo, troféus e um número extraordinariamente grande de pinturas modernas, muito vivas, metidas em molduras douradas. Esses quadros, não sei se por sua originalidade ou pelo contraste que faziam com o ambiente, despertaram em mim profundo interesse. Eu estava fascinado. Apesar de ferido, meu entusiasmo me excitara de tal forma que eu já me dispusera a me manter acordado, estudando, pesquisando. E assim foi.
4. Ordenei a Pedro, meu criado, que fechasse os pesados postigos. Já era noite fechada.
5. Pedro acendeu as velas de um enorme candelabro que estava na cabeceira do meu leito. Foram abertas as cortinas que velavam a cama.
6. Eu me dispus, então, à contemplação das telas e ao exame de um pequeno volume que encontrara sobre o travesseiro. Ali estavam a descrição e a crítica daqueles quadros.
7. Li longamente. Li muito. E contemplei todos eles devotamente, com toda a atenção. As horas voaram e eu não senti. Afinal, meia-noite, a profunda meia-noite chegou sem que eu visse.
8. A posição do candelabro incomodava-me. Afinal, eu já estava cansado. Meu criado adormecera e eu não queria perturbar-lhe o sono. Estendi a mão e troquei a posição da luz, de modo que se lançasse, em cheio, sobre o livro.
9. Meu gesto produziu, porém, efeito inteiramente imprevisto. Os raios luminosos das inúmeras velas caíram sobre um nicho existente no quarto, que estivera, até então, oculto pela sombra de uma das colunas do leito.
10. Vi assim, à plena luz, uma tela que ainda não havia notado.
11. Era o retrato de uma jovem. Mais parecia uma adolescente.
12. Olhei o quadro e fechei os olhos, em seguida. Procurei dentro de mim o motivo por que estava agindo assim. Vi então que aquele fora um movimento impulsivo para ganhar tempo de pensar. Queria certificar-me de que a vista não me havia enganado. Tranquilizar e dominar minha imaginação.
13. Pouco depois, com serenidade e mais certeza, contemplei fixamente o quadro.
14. Bem, não podia agora duvidar. Eu estava acordado, meus olhos já se haviam habituado à luz das velas que incidiam sobre a tela.
15. O retrato, como já disse, era de uma jovem. Cabeça e ombros. Para baixo, o resto do busto tornava-se imperceptível, jogado no vago sombreado que constituía o fundo. Ali desapareciam também as pontas louras do cabelo.
16. A moldura era oval, em filigrana dourada.
17. Como arte, nada podia ser mais admirável do que aquela pintura. Mas não fora a execução da obra, nem a imortal beleza do rosto. Nem o trabalho de minha imaginação, despertada de seu quase adormecimento pela semelhança daquela cabeça com a de uma pessoa viva.
18. Meio sentado, meio deitado, fiquei, talvez, uma hora com os olhos presos ao retrato.
19. Só consegui deitar-me depois de chegar ao segredo do fascínio que o quadro despertara em mim. Afinal, entendi. Descobri. Mas a descoberta me confundiu, me

aterrorizou. E foi debaixo de um profundo horror que repus o candelabro na posição anterior. Assim ficava oculto o nicho. E a causa de minha intensa agitação.

20. Apanhei o volume que contava a história das pinturas. Busquei com ansiedade o número do retrato oval, aquele que, com sua absoluta aparência de vida, me causara tamanho impacto.

21. E lá estava a história.

22. Sim, era muito jovem o modelo do retrato. Jovem, alegre, feliz. Um dia viu, amou e casou-se com o pintor. O artista daquela obra maravilhosa. Ele, porém, já possuía outra noiva que o absorvia inteiramente: sua arte.

23. Ela amava a vida. Animava tudo com seu entusiasmo jovem e feliz. Amava tudo menos aquela rival: a Arte. E odiava e temia os pincéis, a paleta que a privavam do amado.

24. Assim, foi terrível, para ela, ouvir o desejo dele de fazer o seu retrato. Mas era humilde e obediente.

25. Durante semanas e semanas, sentou-se no mal iluminado quarto da torre larga e isolada. Ali a luz vinha apenas de cima.

26. Ele, o pintor, apaixonou-se pelo trabalho. E prosseguia hora após hora. Dia após dia. Seu amor à arte, a obsessão pelo trabalho, seu delírio de artista o impediam de notar que a esposa empalidecia e que sua saúde murchava aos poucos. Todos notavam, menos ele. E ela sorria. Não se queixava, não mudava a expressão. Pelo contrário, também se animava, vendo-o trabalhar dia e noite, inteiramente tomado pela obra. Ela o amava muito. Mas a cada dia tornava-se mais fraca e sem vida.

27. Os que viam o retrato maravilhavam-se. Ele estava fazendo sua obra-prima.

28. Quando a obra se aproximava do fim, ele não permitiu a entrada de outras pessoas na torre. Só ele e o modelo. Tornara-se um selvagem. E raramente desviava o olhar da tela. Nem mesmo para contemplar o rosto da esposa. Se o fizesse, veria que as cores que espalhava sobre a tela eram tiradas da face daquela que estava à sua frente.

29. Muitas semanas se passaram. Pouca coisa restava a fazer. Faltavam um toque na boca e um colorido nos olhos. Foi feito o toque e foi dado o colorido.

30. O espírito da jovem, como a chama de uma vela, parecia tremular, despedindo-se.

31. O pintor parou deslumbrado, diante da obra que acabara de executar. Enquanto a contemplava, pálido, emocionado, tremia. E, alto, gritava:

32. -Isto é a própria vida! É a vida mesmo!

33. Voltou-se, então, para ver o modelo, sua esposa.

34. Estava morta.

Fonte: POE, Edgar Allan. O retrato oval. In: **Histórias extraordinárias de Allan Poe**. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

1) Releia o primeiro parágrafo. “**O castelo surgira à nossa frente como uma tábua de salvação**. Eu estava seriamente ferido e ameaçado de passar a noite ao relento. Por isso, meu criado não hesitara em forçar a entrada.”

a) É possível identificar um narrador:

() observador

() personagem

b) Por que o homem estava ferido e por que corria o risco de dormir ao relento?

.....

2) Por que os dois homens entram no castelo?

.....

3) Como o narrador-personagem descreve (caracteriza) o castelo? O que faz com que o castelo pareça sinistro?

.....

.....

4) Em que outros tipos de narrativas normalmente aparecem castelos? Nesses outros tipos de contos, os castelos têm as mesmas características?

.....

5) Por que o narrador supõe que o castelo havia sido abandonado?

.....

6) Se o castelo estivesse mesmo abandonado, por que estaria tudo limpo e arrumado?

.....

7) Releia o trecho: “Objetos antigos, preciosos, paredes recobertas de luxuosa tapeçaria. Tudo, porém, desbotado, usado pelo tempo.”

a) Encontre nessa descrição duas palavras que revelam um contraste entre as características dos objetos:

.....

b) Esse contraste (ideia oposta) é introduzido (marcado) pela palavra:

- () tudo
 () porém
 () usado

c) Qual o significado de: “usado pelo tempo”?

.....

8) Os fatos se passam em uma época distante ou em uma época mais recente? Justifique com elementos do texto:

.....

.....

Observamos no conto o predomínio do uso do tempo pretérito. Esse tempo, também conhecido como passado se subdivide em:

Pretérito perfeito: transmite a ideia de ação concluída.

Pretérito imperfeito: Transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua; ou a ideia de uma ação que vinha acontecendo, mas foi interrompida por outra ação. É também geralmente o tempo em que são contadas as histórias.

O pretérito mais- que- perfeito expressa a ideia de uma ação que ocorreu antes de outra ação passada ou para indicar um acontecimento situado de forma incerta no passado.

9) Releia os trechos abaixo, observando o uso dos tempos verbais em destaque e coloque (v) para verdadeiro e (f) para falso sobre o uso desses tempos verbais no conto:

(a) “**Parecia** abandonado (...) Tudo **estava** arrumado, limpo, suntuosamente mobiliado. Escolhemos um dos aposentos menores e decorado com mais modéstia. **Situava-se** numa torre larga e mais baixa, afastada dos demais aposentos. Esta peça, embora mais simples, ainda assim **era** ricamente decorada.” (parágrafo 3)

(b) “**Li** longamente. **Li** muito. E **contemplei** todos eles devotamente, com toda a atenção. As horas voaram e eu não **senti**.”

() No trecho (a) os verbos destacados estão no pretérito imperfeito e no (b) no pretérito perfeito.

() Nos dois trechos os verbos destacados estão no pretérito imperfeito.

15) Por que a jovem do retrato odiava a Arte?

.....

16) Como você acha que ela se sentiu quando o marido falou que queria retratar seu rosto em uma obra de arte? Por que ela aceitou que o artista a pintasse?

.....

17) No início, a jovem ficou animada de ver o marido tão satisfeito com seu trabalho. O que aconteceu com o passar dos dias e que ele nem percebeu?

.....

18) Quando termina sua obra-prima, o artista, emocionado grita:

-Isto é a própria vida, a vida mesmo!

O que significa essa afirmação para o artista?

.....

19) Por que o retrato ficou tão perfeito?

() Porque a jovem modelo era linda.

() Porque a vida da jovem foi transferida para a tela.

() Porque o artista era muito talentoso.

20) Após ter lido o texto completo, conclua: quais temáticas são abordadas nesse conto?

() a beleza e a arte.

() o amor e a morte.

() a riqueza e o amor

21) De modo geral, como você classificaria esse texto? (FM) (D9) (PIT)

() um conto de terror, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)

() um conto de mistério, com predomínio da narração de ações de personagens.

() um conto de mistério, com predomínio de opiniões do narrador

() um conto de aventura, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)

22) Qual é o mistério maior desse conto?

.....

Atividade extra: “Construindo meu cenário de mistério”.

Aluno(a):

 Escolha as opções que você considera mais adequadas para a produção de um conto de mistério:

1. Para iniciar a história:

<input type="checkbox"/> Era uma vez...
<input type="checkbox"/> Era quase noite quando pegamos a estrada.
<input type="checkbox"/> Fazia um lindo dia de sol.

2. Qual espaço você escolheria para criar seu próprio conto de mistério?

<input type="checkbox"/> Nossa única opção era aquela velha casa abandonada.
<input type="checkbox"/> O parque estava aberto e bem movimentado desde cedo.
<input type="checkbox"/> Havia um castelo com um lindo jardim colorido e pessoas muito elegantes.

3. Qual dos personagens você acha que é mais adequado para um conto de mistério?

<input type="checkbox"/> Um homem pálido, de rosto magro e sério apareceu do nada
<input type="checkbox"/> A gentil princesa desceu graciosamente pelas escadas .
<input type="checkbox"/> Os meninos chegaram com seus uniformes e uma bola de futebol

4. Qual a melhor opção para a conclusão de um conto de mistério?

<input type="checkbox"/> Tudo terminou bem, ninguém se machucou.
<input type="checkbox"/> Só sei que nem olhamos para trás.
<input type="checkbox"/> Foi a melhor festa da minha vida.

**Dispositivo Didático G:
Leitura Diagnóstica – “A morte vista de perto”**

Aluno:

Leia o texto a seguir, de forma silenciosa. Caso ache necessário, leia mais de uma vez. Em seguida, responda, por escrito, o questionário a seguir.

Dispositivo Didático G: “A morte vista de perto”

1. Foi em Londres. Eu vinha de uma reunião em que tivera a notícia da morte de um amigo no Rio.
2. Voltava de carro para casa e era tarde da noite. Uma noite escura, chuvosa, permeada de neblina dessas noites londrinas que impregnam nossa alma de tédio e abatimento. É o sentimento a que os ingleses chamam de *spleen*, e que não tem correspondente na língua portuguesa. Em noites assim, a nossa realidade interior se mistura à atmosfera que o *fog* torna ainda mais densa, apagando os contornos da vida. O silêncio ao redor de nós como que se materializa. Os movimentos se fazem em câmera lenta, de peixes no mundo das águas. Ectoplasmas de nós mesmos, flutuando no ar integrados a eternidade do nada.
3. Nesse espírito é que eu voltava para casa pelas ruas desertas, pensando na morte do amigo e na morte em si, com a certeza de sua existência inexorável.
4. Extravagante foi a sensação que me veio então: a de que a morte existia, não apenas como o fim para todos nós, sem exceção, mas como alguma coisa concreta, visível, corporificada em alguém com quem eu poderia me esbarrar a qualquer momento.
5. Naquele instante, ao voltar a cabeça, dei com ela a me olhar.
6. Eu havia parado no sinal vermelho e embora não houvesse na rua o menor movimento, esperava pacientemente que ele se abrisse, como exigem as regras inglesas do bom proceder. O que me chamou a atenção foi um táxi que acabara de se emparelhar ao meu carro, um pouco a rente, deixando-me lada a lado com o passageiro.
7. Era uma mulher.
8. Uma mulher já sem idade de tão velha, e ainda assim horrivelmente pintada, como um espantalho: tinha os lábios borrados de batom, duas rodela vermelhas nas faces murchas, as sobancelhas pinadas, os olhos empastelados de rímel. Eu a olhava também, fascinado: mas o que era aquilo?
9. Foi quando ela, a dois palmos de mim, piscou um olho e franziu lascivamente os lábios numa careta, como uma simulação de beijo.
10. Aturdido, arranquei com o carro como se fugisse de um filme de terror de Alberto Cavalcanti na solidão da noite. Nem esperei mais que o sinal se abrisse – com isso me arriscava a ser detido logo adiante pelo policial que em Londres está sempre presente em cada esquina. Pouco importava; o que desejava era fugir dali, como de uma presença amaldiçoada. Que queria de mim aquela bruxa? Certamente não se oferecia como mulher, aquela múmia – condição que já se perdera para ela num passado sem memória. Quem era, senão a própria morte em que eu vinha pensando, materializada na forma decrepita de uma megera? Senti um frio na espinha ao ver, pelo espelhinho o táxi à minha retaguarda seguindo na mesma direção. Acelerei, para perdê-lo logo de vista.
11. Em pouco percebi, aliviado, que ganhava distância e ele desaparecia na cerração.
12. Eu morava numa rua meio remota, ao norte de Londres, e à noite o lúgubre caminho para minha casa passava até por um velho cemitério no pátio de uma igreja. Ao chegar, fui direto para o quarto no segundo andar, disposto a espantar de mim a lembrança daquela visão.
13. Só quando me preparava para dormir, lembrei que não havia apagado a luz da sala, lá embaixo. Desci de pijama, e fui até a janela para fechar a cortina.

14. Fiquei só na intenção. Ao olhar para fora, vi, em meio à neblina, parado na rua molhada, em frente da casa, o táxi negro de pouco antes, com a velha debruçada contra o vidro, a boca arreganhada num sorriso, para mim.

15. Então subi correndo e me tranquei no quarto, para tentar dormir e na manhã seguinte pensar que fora apenas um sonho.

Fonte: SABINO, Fernando. **As melhores histórias de Fernando Sabino**. Rio de Janeiro: Best bolso, 2010.

1) O narrador é também personagem ou um narrador observador?

.....

2) Onde e quando se passa a história narrada nesse conto?

.....

3) Como o narrador descreve a noite londrina?

.....

4) O que impregnava tédio e abatimento na alma, segundo o personagem narrador era:

() a morte do seu amigo.

() a noite londrina (de Londres)

() a mulher no táxi.

5) Releia o trecho do parágrafo 2 do texto: “Uma noite escura, chuvosa, permeada de neblina dessas noites londrinhas que impregnam nossa alma de tédio e abatimento. (...) Em noites assim, a nossa realidade interior se mistura à atmosfera que o fog torna ainda mais densa, apagando os contornos da vida. O silêncio ao redor de nós como que se materializa.”

a) Assinale a alternativa que corresponde à intenção do autor ao escrever esse trecho:

() Descrever como são as noites de Londres.

() Descrever aquela noite em que soube da morte de seu amigo, sugerindo uma imagem que expressasse tanto o clima frio e chuvoso daquela noite quanto a sensação de abatimento e de solidão.

b) A linguagem metafórica que o autor usou nesse trecho é importante no conto de mistério? Por quê?

.....

6) Por que o personagem narrador começa a pensar na morte e qual seria a relação da morte com o cenário que ele descreve?

.....

7) Qual a sensação o personagem narrador começa a ter sobre a morte?

.....

8) Releia o trecho:(parágrafo 5) Naquele instante, ao voltar a cabeça, dei com ela a me olhar. O pronome em destaque se refere

() à mulher do táxi.

() à morte.

() à noite londrina.

9) Como o personagem-narrador caracteriza a mulher do táxi? Assinale as opções correspondentes:

- Uma múmia.
- Muito velha.
- Uma bruxa.
- presença amaldiçoada.
- com a cara horrivelmente pintada.

10) No trecho (parágrafo 8): “Uma mulher já sem idade de tão velha, e ainda assim horrivelmente pintada, como um espantalho: tinha os lábios borrados de batom, duas rodela vermelhas nas faces murchas, as sobrancelhas pintadas...”

a) O uso dos dois-pontos indica:

- a fala de um personagem.
- uma enumeração de fatos
- uma explicação sobre o que foi dito anteriormente.

b) O que o personagem narrador pensou sobre a mulher?

.....

11) Como era o caminho para chegar até a casa do personagem narrador? Qual a intenção do autor ao descrever esse cenário?

.....

12) Assinale os elementos abaixo que estão relacionadas ao mistério nessa narrativa:

- A morte do amigo do narrador.
- A noite fria, escura e chuvosa.
- A atmosfera de abatimento.
- A rua deserta e coberta de neblina.
- O pensamento do personagem narrador sobre a morte.
- A mulher no táxi.
- O sinal vermelho.
- O táxi negro.
- A casa do personagem narrador.
- A descrição do caminho até a casa do personagem narrador.

13) Sobre a construção do mistério nesse conto, é correto afirmar que:

- O autor usou todos os recursos para construir o mistério: o tempo, a descrição detalhada do ambiente, das impressões do narrador personagem, das ações das personagens.
- O mistério foi construído apenas pelas ações das personagens.
- O mistério foi construído apenas pela descrição do ambiente e das ações.
- O autor usou o tempo e o espaço ou ambiente para construir o mistério desse conto.

14) O trecho: (parágrafo 14) “Fiquei só na intenção” refere a que fato, intenção de quê? Assinale a opção correta:

- De apagar a luz da sala.
- De fechar a cortina.
- De olhar para fora.

15) Releia o finalzinho do conto (parágrafos 14 e 15):

“[...] Ao olhar para fora, vi, em meio à neblina, parado na rua molhada, em frente da casa, o táxi negro de pouco antes, com a velha debruçada contra o vidro, a boca arreganhada num sorriso, para mim.

Então subi correndo e me tranquei no quarto, para tentar dormir e na manhã seguinte pensar que fora apenas um sonho. ”

Por que o personagem narrador foi direto para o quarto ao chegar em casa? Como ele estava se sentindo?

.....

.....

16) Escreva um resumo do que aconteceu em cada momento desse conto:

Situação inicial:

.....

Momento de início da tensão/mistério:

.....

Fase da resolução da tensão:

.....

Conclusão:

.....

17) Qual o mistério desse conto?

.....

18) Por que o autor deu esse título para o conto: “A morte vista de perto”?

.....

20) Que explicação você daria para o mistério da mulher do táxi? Assinale uma alternativa e em seguida justifique sua resposta:

() a mulher era a personificação da morte. (a morte em pessoa)

() tudo foi um delírio de alguém que foi surpreendido com a notícia da morte de um amigo e ficou abalado emocionalmente.

() Foi tudo um sonho do narrador.

() outra opção.

21) O mistério desse conto foi desvendado? Explique:

.....

22) De modo geral, como você classificaria esse texto?

() um conto de terror, com predomínio de descrições (do espaço, ações, etc.)

() um conto de mistério, com predomínio da narração de ações de personagens.

() um conto de mistério, com predomínio de opiniões do narrador

() um conto de aventura, com predomínio de descrições (de objetos, ações, etc.)